

# Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

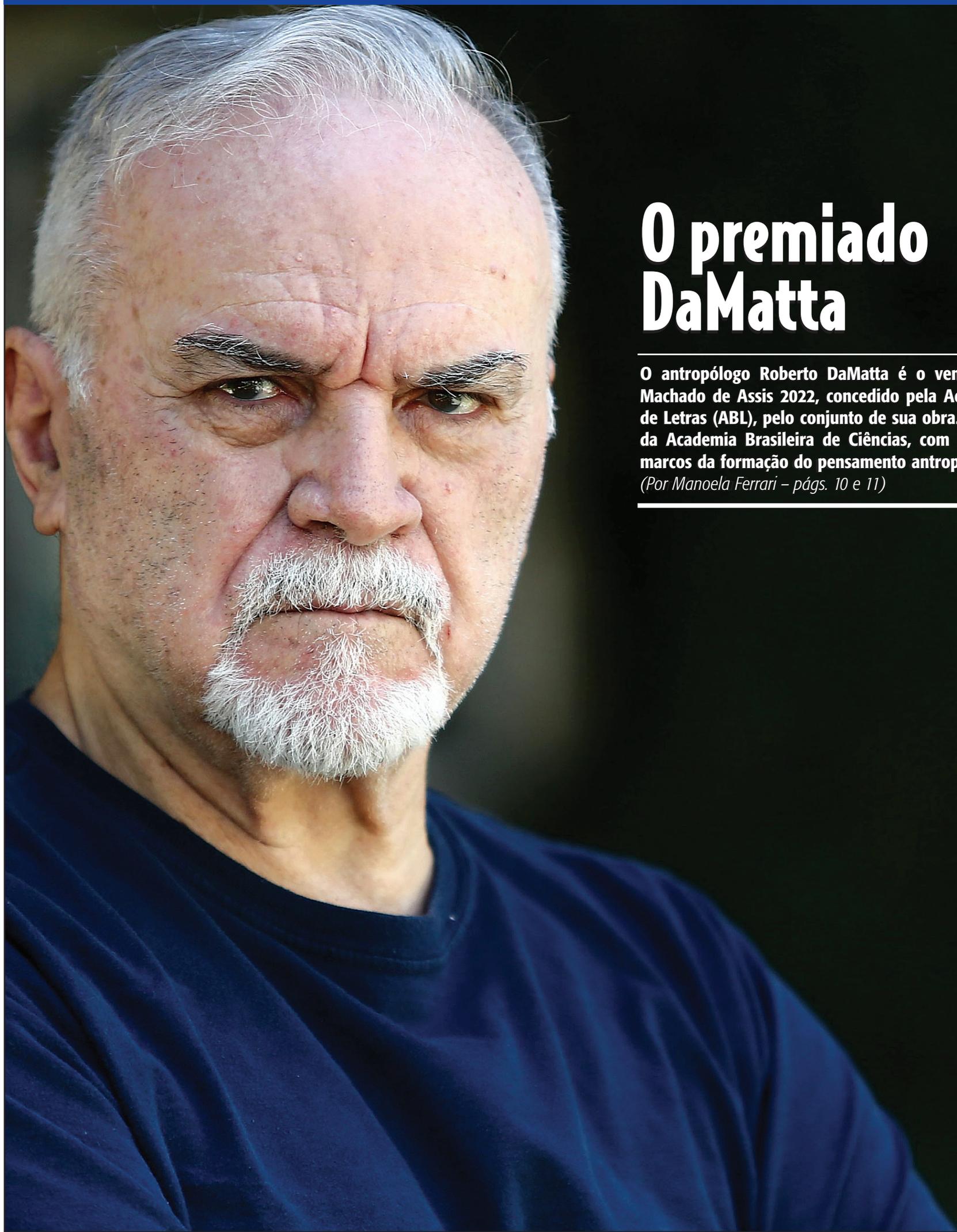
Número:

# 282

Mês: Agosto

Ano: 2022

Preço: R\$ 5,00



## O premiado DaMatta

O antropólogo Roberto DaMatta é o vencedor do Prêmio Machado de Assis 2022, concedido pela Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo conjunto de sua obra. É membro titular da Academia Brasileira de Ciências, com 11 livros que são marcos da formação do pensamento antropológico brasileiro. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



ACESSE:  
[www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

# JL Editorial

O que nos levou a colocar o escritor Roberto DaMatta na capa do JL deste mês foi o seu indiscutível compromisso com a nossa vida intelectual. Morador de Niterói, tem uma intensa participação cultural, o que lhe dá um destaque especial, notadamente nos livros que edita.

Outro aspecto relevante deste mês é o 125º aniversário da Academia Brasileira de Letras (ABL). Instituição relevante da nossa cultura, a ABL vive uma época de grande fulgor, com realizações de primeira ordem. Por decisão do seu presidente Merval Pereira, voltou a entrega dos seus grandes prêmios, o que motiva o meio cultural, e foram ativadas as suas conferências às terças-feiras, com especialistas nacionais. A *Revista Brasileira*, reativada pela atual diretoria, é um sucesso completo e a sua primeira edição, dessa nova fase, esgotou completamente. A revista será trimestral.

O Editor



Os acadêmicos Araldo Niskier, com a esposa Ruth, e Rosiska Darcy de Oliveira cumprimentam a imortal Fernanda Montenegro, após a apresentação da peça "Nelson Rodrigues por ele mesmo", no Teatro Raymundo Magalhães Jr. O evento faz parte das comemorações pelos 125 anos da Academia Brasileira de Letras.

## JL Expediente

**Diretor responsável:** Araldo Niskier

**Editora-adjunta:** Beth Almeida

**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: [institutoantares.info@gmail.com](mailto:institutoantares.info@gmail.com)

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** [www.jornaldeletras.com.br](http://www.jornaldeletras.com.br)

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO  
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

# JL Opinião

Araldo Niskier



## Galvêas não chegou aos 100 anos

Os amigos de Ernane Galvêas – e eram muitos – torciam para que ele chegasse ao próximo mês de outubro em boas condições de saúde para comemorar devidamente os seus primeiros 100 anos de vida. Mas o destino não permitiu que isso acontecesse. Um câncer de laringe interrompeu a vida de um dos maiores economistas que o Brasil conheceu, em todos os tempos.

Nos últimos anos, Galvêas dirigia o Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Todas as terças-feiras, pontualmente comandava as sessões em que pontificavam alguns dos grandes nomes da nossa economia, a partir de José Roberto Tadros, presidente da CNC, a quem Galvêas prestava uma impecável assessoria, com os seus preciosos e oportunos relatórios. Fará muita falta.

Embora economista, com vitoriosas passagens na presidência do Banco Central (1968-1974 e 1979-1980) e ministro da Fazenda de janeiro de 1980 a março de 1985, o capixaba Ernane Galvêas tinha um grande apreço por educação, a que se referia de modo constante. Foi decisivo na criação da Escola Sesc de Ensino Médio, na Barra da Tijuca, que se tornou um símbolo nacional. Viajamos pelo Brasil e pelo exterior para recolher experiências, por sua inspiração, para montar o histórico projeto.

Além das atividades de economista, Galvêas foi também professor dedicado. Lembro dos seus tempos gloriosos de professor da Faculdade de Economia e Finanças do antigo estado da Guanabara. Era de uma dedicação inexcelsível, como demonstrou também nas inúmeras conferências realizadas.

Nos últimos anos, dedicou-se à consultoria na CNC, que reconheceu em nota pública os seus inegáveis méritos: “Uma referência não apenas na área econômica, mas um humanista de primeira grandeza, de uma admirável estatura intelectual.”

A coroa mais bonita, no seu enterro, foi a enviada pela Fundação Getúlio Vargas: “Homenagem a um grande brasileiro” – Galvêas deixa um vazio difícil de preencher. Lia quatro jornais por dia e recortava o que havia de importante para municiar a CBC. Onde encontrar outro igual?

“O passado não reconhece o seu lugar: está sempre presente.”

Mario Quintana

“Há dois fatores indispensáveis a uma vida satisfatória e relativamente feliz.

Um é segurança e o outro é liberdade.

Você não consegue ter uma vida digna na ausência de um deles.

Segurança sem liberdade é escravidão; liberdade sem segurança é caos.”

Zygmunt Bauman

# O espelho azul

Por Gabriel Chalita\*

As bordas dos antigos espelhos, geralmente, são douradas ou de uma madeira fosca, com cor de madeira mesmo. A de casa, não sei por quê, tem a borda azul. Desde que me lembro de lembrar, me lembro desse espelho. Grande. Envelhecido já naquele tempo.

As bordas azuis nunca foram retocadas, o que confere ainda mais autoridade ao velho espelho. Criança, me espelhava nele sem saber, decerto, se era eu mesmo ou algum outro. Crescido, fui compreendendo que, na imagem que tenho de mim, busco um outro. Ou a parte que me falta na imagem que vejo.

É difícil saber o que busco. A primeira mulher por quem me apaixonei fez nada dos meus sentimentos. Riu como se ri de um desavisado. Olhei no espelho os meus olhos de dor. Lamentei alguma ausência. Quis ser outro. Mas era apenas o que o espelho me mostrava. Da primeira dor amorosa à primeira história de amor.

Quebrei a rotina dos dias quando conheci Angélica. Experimentei a dialética do senhor e do escravo. Eu a amei mais do que a mim mesmo. Muito mais. Era devotado a ela. O espelho me viu, muitas vezes, rindo de amenidades. Fomos juntos por seis anos. E, então, ela arrumou uma razão para a despedida. Chorei ouvindo as músicas que ouvíamos juntos. Escrevi e rasguei muitos bilhetes. Ensaiei falas diante do espelho, para quando ela me procurasse. Revezei frases duras com compreensão e perdão. Nunca usei as frases. Ela nunca voltou. Um dia, conheci Eugênia. E sem muito amor, ela nunca soube disso, nos casamos. Convenceu a mim, o espelho, que uma vida a dois não precisa de amor, precisa de respeito, de companheirismo. Ou talvez tenha me explicado o espelho a diferença entre paixão e amor. O tempo, e o espelho é disso testemunha, me fez amar Eugênia. E a amei ainda mais quando soube da sua doença e quando dela arrumei o velório.

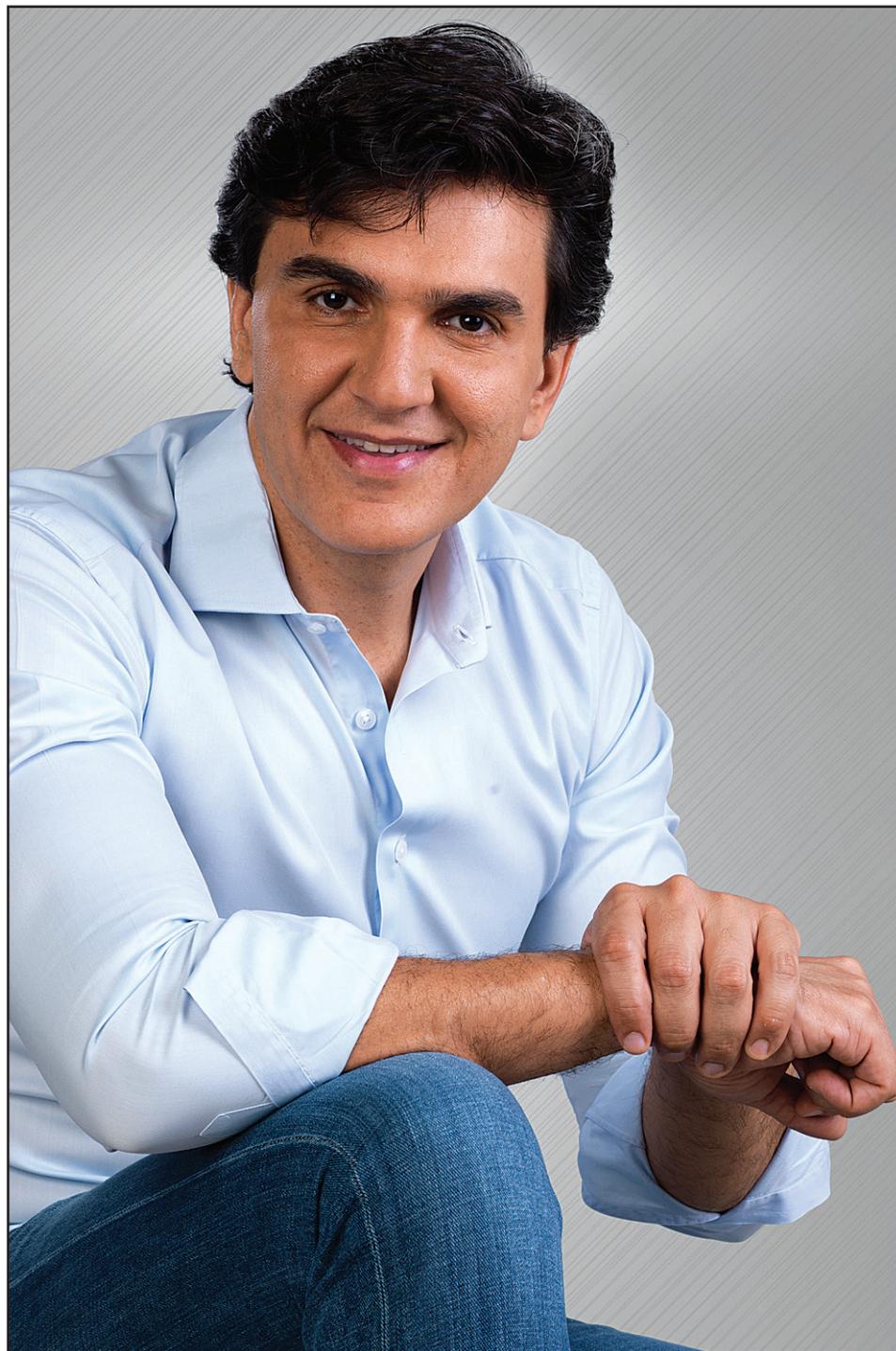
Depois do enterro, o espelho me viu distante. Quarenta anos de casados. Quatro filhos. Seis netos. E a decência necessária de não causar dor à outra imagem que me olhou junto no espelho.

Agora sou eu, quase setenta anos de idade. Ainda com disposição para desfrutar de companhia. Ainda querendo o despertar acompanhado. Arrumei o nó da gravata diante do espelho. Era um encontro com alguns amigos da escola antiga. Alguns eu não via há anos, certamente, não conseguiria saber. Outros prosseguiram dividindo fotografias da vida comigo. Fomos a um restaurante e lá estava Angélica. Meu Deus! Eu não sabia que ela iria. Viúva, também. Amiga de Alceu, um amigo da minha turma.

As belezas dançam danças diferentes durante o tempo. Era uma outra Angélica. Era igualmente bela. Falamos pouco nesse primeiro dia. Voltei e retirei de mim o medo, diante do espelho. Por que ela foi? Se foi, é por que estaria disposta a um recomeço? Por que ela, um dia, me deixou? Explicou nada naquele tempo. Foi o amor mais cortante que senti.

Enquanto penso esses pensamentos, diante do espelho, peço perdão à memória de quem amei tantos anos. Eugênia não teve as dúvidas que teve Angélica. Eugênia nunca ensaiou em me deixar. Em Eugênia, não vivi os revezes de ser senhor e de escravo. Éramos um. Definitivamente, éramos um sem nos deixarmos de ser.

O espelho me vê ansioso. Decido esquecer Angélica. O que sinto é tão imaturo quanto o que sentia antes. Antes de amadurecer. Não é adequado ficar velho sem algum acúmulo de sabedoria. O meu corpo, diante do espelho, me avisa que não estou velho. As inquietudes podem ser vistas no velho espelho. Sento, então, na poltrona e penso. Enquanto penso, durmo. Enquanto durmo, sonho. Ainda sonho. É o que me diz o espelho azul.



Angélica sorriu muitas vezes enquanto comíamos. Foi para mim? Estou imaginando o que não aconteceu? O riso houve, disso não tenho dúvidas. Ela sabia que eu iria, foi o que disse o Alceu, quando perguntei.

A casa vazia empresta ainda mais pensamentos. Quanto tempo me resta? É melhor abraçar a calma e olhar um olhar de paz para o espelho ou é melhor me arrumar para mais uma viagem que a curta viagem da vida me proporciona? Talvez Angélica possa me dizer por que partiu. Talvez o curto tempo da existência tenha nos dado uma pausa para eu viver a linda história com Eugênia. Talvez ela apenas tenha amado outro homem e, por isso, partido. E agora, partida com a sua partida, voltou ao início. Só saberei se permitir. Se não permitir, posso imaginar a história que eu quiser. Eu e o velho espelho que, de mim, sabe tudo. Será que existe destino? Será que nós é que decidimos? Como? Encontrar, tantos anos depois, esta mulher...

Não tenho idade para demoras na decisão. Tampouco tenho a idade dos arroubos. Vou dormir um sono bom. Acordar. Olhar para o espelho e, então, respirar o que fazer.

O azul do espelho não é por acaso. A liberdade é um horizonte encantado que nos convida ao voo. O céu desse milagre outonal está lindo.

\*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

● O ACERVO de quase oito mil livros da acadêmica Nélida Piñon foi doado para o Instituto Cervantes do Rio, que inaugurou biblioteca com o nome da primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras.

● O ACADÊMICO, filólogo, linguista e gramático Evanildo Bechara doou sua biblioteca particular, com um acervo de 20 mil obras, ao Real Gabinete Português de Leitura.

● COM EXPECTATIVA de participação de mais de 4 mil expositores de 65 países, a Feira do Livro de Frankfurt, a mais importante do setor, acontecerá de 19 a 23 de outubro.

● *TODO MUNDO QUE EU AMO JÁ ME FEZ CHORAR* (Ed. Melhoramentos) marca a estreia da atriz e cantora Cleo na literatura. O texto foi escrito em parceria com a roteirista e escritora Tatiana Maciel.

● *O TÚNEL*, último romance de Avraham Yesoshua (morto, em junho, aos 85 anos), chegou ao Brasil com tradução de Tova Sender para a Editora DBA. O texto traz um retrato crítico de Israel, sem perder o humor.

● *NADA OS TRARÁ DE VOLTA* (Companhia das Letras), de Edson Lopes Cardoso, reúne 151 textos publicados ao longo de 40 anos, trazendo uma análise sobre as muitas faces do racismo no Brasil.

● NA OBRA *Linguagem da Destruição* (Companhia das Letras), os acadêmicos Heloisa Starling, Miguel Lago e Newton Bignotto investigam os efeitos do atual governo para a democracia.

● *TRINTA DIAS AOS 60* (Ed. Raiz), da escritora e jornalista Lucia Seixas, reúne reflexões sobre os dilemas da mulher que começa a envelhecer.

● *CADERNO PROIBIDO* (Companhia das Letras), da italiana Alba de Céspedes, mostra como a escrita leva uma mulher a tomar consciência de sua própria existência.

● *EM A FILHA ÚNICA* (Ed. Todavia), a premiada mexicana Guadalupe Nettel apresenta um trio de protagonistas mulheres, abordando as ambivalências da maternidade.

● *COM OS PÉS SUJOS DE LAMA* (Colli Book), novo título infantil da escritora Ana Rapha Nunes, e

ilustrada por Paula Kranz, mostra a importância das brincadeiras para as crianças.

● O LIVRO *De Volta* (Companhia das Letrinhas) marca o retorno de Ricardo da Cunha Lima à literatura infantojuvenil, com 17 poemas de temas diversos, retratados pelas ilustrações de Rodrigo Fischer.

● EM *Nação Angola* (Ed. Pallas), Janaína de Figueiredo expõe uma pesquisa antropológica sobre o candomblé angolano e o papel da figura do caboclo como mediador de discursos na construção da identidade da nação.

● O LIVRO DA primeira edição do Prêmio Rio de Contos, lançado no Salão Carioca do Livro, traz uma coletânea de 25 textos com narrativas negras e LGBTQIA+, de escritores que vão dos 20 aos 80 anos.

● O HISTORIADOR inglês Laurence Rees, um dos maiores especialistas em Segunda Guerra, reúne relatos de testemunhas oculares e mostra na obra *Hitler e Stálin* (Ed. Crítica) como os dois ditadores lideraram seus países na guerra mais destrutiva da história.

● CONTOS DE fantasia chineses, compilação de narrativas de horror do folclore chinês, reunidas no século XVIII por Pu Songling, ganhou sua primeira edição no Brasil com um trabalho de tradução coordenado por Yao Ping para a Editora Moinhos.

● ATRAVÉS DA história de 14 pacientes, o psiquiatra e psicanalista J. D. Nasio aprofunda a teoria sobre a doença em *A Depressão é a Perda de uma Ilusão*, com tradução de Clóvis Marques para a Editora Zahar.

● EM *Coragem e Mais Alguns Cês da Vida* (Editora DVS), Carol Manciola, CEO e cofundadora da “Posiciona Educação e Desenvolvimento”, defende que coragem não é o contrário do medo: é agir apesar dele.

● Com a publicação de um livro a cada dois meses, a editora Thomas Nelson Brasil anunciou a ampliação do seu catálogo de obras infantis, com textos que trabalhem a inteligência emocional e criativa das crianças, além de passar mensagens do Evangelho.

## OCUPAÇÕES



● DEPOIS DE vender mais de 1 milhão de exemplares no Japão, *Antes que o Café Esfrie*, de Toshihazu Kawaguch, teve os direitos comercializados para virar filme. No Brasil, foi lançado pela Editora Valentina, com tradução de Priscila Catão.

● A EDITORA Galera apresenta nova edição de *O Estranho Caso do Cachorro Morto*, de Mark Haddon, com tradução de Luiz Antônio Aguiar e Marisa Reis Sobral para a obra que virou um clássico infantojuvenil, entrando para a lista do Guardian de melhores livros do século XXI.

● *A SERPENTE DE ESSEX* (Ed. Intrínseca), romance fantástico da inglesa Sarah Perry, é mais uma combinação de sucesso entre livro e série de TV, misturando uma criatura misteriosa e uma relação amorosa proibida.

● PRIMEIRO LIVRO infantil do quadrinista Tom Gauld, *O Robozinho de Madeira e a Princesa-Lenha* (VR Editora) mistura o universo dos contos de fadas com a contemporaneidade.

● NA OBRA *Vidas Rebeldes, Belos Experimentos* (Ed. Fósforo), Saidiya Hartman se vale do método da fabulação crítica para dar voz às personagens, em sua maioria jovens negras “em franca rebelião”.

● ESCRITO POR Mariana Salomão, *Não Fossem as Sílabas do Sábado* (Ed. Todavia) fala sobre o luto, a maternidade e as possibilidades de recomeço.

● BEST-SELLER na França, *Clube do Orgasmo* (Ed. Intrínseca), guia prático e descomplicado sobre sexo, rompe preconceitos com textos bem-humorados e ilustrações.

● EM SUA terceira edição revista e ampliada, a obra pioneira *Além do Carnaval* (Editora Unesp), clássico de James Green sobre homossexualidade masculina no Brasil, conta com um novo capítulo e epílogo, com foco na história do movimento LGBTQIA+ e seus efeitos na sociedade.

● A EDITORA Intrínseca lançou *E Se a Gente Tentasse?*, continuação de *E Se Fosse a Gente?*, escritos por Becky Albertalli e Adam Silvera.

● *RACISMO BRASILEIRO* (Ed. Todavia), livro da doutora em história social Ynaê Lopes dos Santos, apresenta uma jornada pela história do Brasil através do traço definidor da nossa sociedade ao longo dos séculos.

● *SANTOS DE CASA: FÊ, CRENÇAS E FESTAS DE CADA DIA* (Ed. Bazar do Tempo), é o mais novo livro do historiador carioca Luiz Antonio Simas, fartamente ilustrado com imagens de Aline Bispo.

# Na ponta da Língua

## Problema dermatológico

“A eczema do rosto da idosa não melhorou depois da aplicação da pomada que lhe foi receitada.”

Não há remédio que cure “a eczema”. Esta palavra é masculina: **o eczema**.

Período correto: “**O** eczema do rosto da idosa não melhorou depois da aplicação da pomada que lhe foi receitada.”



## Perfume ruim

“Laiane não gostou da fragancia do perfume que ganhou.”

Nem poderia! Não existe o vocábulo “fragancia”, o termo correto é **fragrância**.

Frase correta: “Laiane não gostou da **fragrância** do perfume que ganhou.”

## Mau retorno

“A mulher voltou à casa mais cedo porque estava indisposta.”

Garanto que quando ela chegou “à casa”, sentiu-se mais indisposta, ainda. Por quê? Pela colocação indevida desta crase.

Observe: neste caso não houve a fusão de **a** (preposição) + **a** (artigo definido).

O **a** antes de casa é apenas preposição. Voltou **para** casa. Veio **de** casa.

Porém, em se tratando da própria casa ou de outrem, mas trazendo qualquer elemento, há fusão da preposição com o artigo e a crase será necessária. Voltou à **casa** de praia, herança de seus pais. Período correto: “A mulher voltou **a casa** mais cedo porque estava indisposta.”

## Voo atrasado

“Luciana chegou atrasada no aeroporto e perdeu o voo.”

Veja: não se acentuam mais os hiatos fechados “ee” e “oo”.

Ex.: “Eles não **creem** na melhora da economia ainda esse ano”; “Elas não **leem** em voz alta”

Frase correta: “Luciana chegou atrasada no aeroporto e perdeu o **voo**.”

## Suor indesejado

“Isac soa muito durante o treino, deixa o aparelho todo melado!”

Não deve ser tão incômodo assim!

Quem **soa** é sino, campainha...

As pessoas **suam**, do verbo suar.

Eu suo/ tu suas/ele sua/nós suamos/vós suais/eles suam.

Frase correta: “Isac **sua** muito durante o treino, deixa o aparelho todo melado!”

## Seja solidário

Divulgue essa informação: não existe a forma verbal **seje**, muito menos sua variação: **esteje**.

A forma correta é **seja, esteja**. Ex.: “Não **seja** a pessoa que escreve ou fala errado.”

“**Esteja** do lado da língua portuguesa!”

## Ignorância!

“A avó do rapaz tranquilizou-se quando disseram que seu filho estava malferido.”

Coitada! Como é triste desconhecer o significado correto das palavras.

Atenção: malferido não quer dizer “com poucos ferimentos” e, sim, **ferido mortalmente**.

Cuidado para que dúvidas como essa impeçam a compreensão de um texto. Consulte sempre um dicionário.

## Filme ruim

“Inácio foi com a noiva na estréia do filme tão aguardado.”

Não será sucesso de audiência!

Não se usa mais o acento dos ditongos abertos **éi** e **ói** das palavras paroxítonas (palavras que têm acento tônico na penúltima sílaba).

Período correto: “Inácio foi com a noiva na **estreia** do filme tão aguardado.”

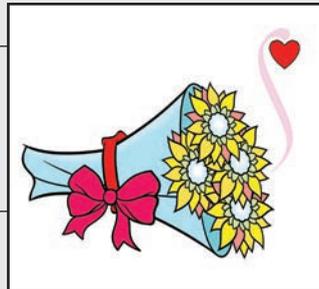
Atenção: essa regra é válida somente para palavras paroxítonas. Assim, continuam acentuadas as palavras oxítonas terminadas em **éis, éu, éus, ói, óis**.

Exemplos: pap**éis**, her**ói**, her**óis**, trof**éu**, trof**éus**.

## Perfume de flor

“Ruth comprou um buquê de crisantemos muito perfumados.”

Perfeito! A palavra proparoxítona **crisântemo** também admite pronúncia como paroxítona: **crisantemo**.



## Despercebido x desapercibido

Estas duas palavras existem na língua portuguesa e estão corretas. São palavras com significados diferentes, devendo ser usadas em situações diferentes.

Veja: a palavra **despercebido** significa algo ou alguém que não chamou atenção, que não foi visto, que não foi sentido nem notado. Também pode significar uma pessoa desatenta e distraída.

Ex.: “Aquela moça passava **despercebida** na aula de ginástica.”

A palavra **desapercibido** significa algo ou alguém que não está preparado, que está desprevidado, desprevenido, desacomodado.

Ex.: “Aquela cliente me pegou **desapercibida** e eu não soube dar a explicação que ela desejava.”

## Atrasado

“Thiago combinou o almoço com os amigos para meio-dia e meio.”

Vai se atrasar, escrevendo assim.

O correto é **meio-dia e meia (meia hora passada)**.

E mais: a forma correta de escrever horários é abreviando as horas (h) e minutos (min). Ex.: **12h30min**.

Frase correta: “Thiago combinou o almoço com os amigos para **meio-dia e meia**.”

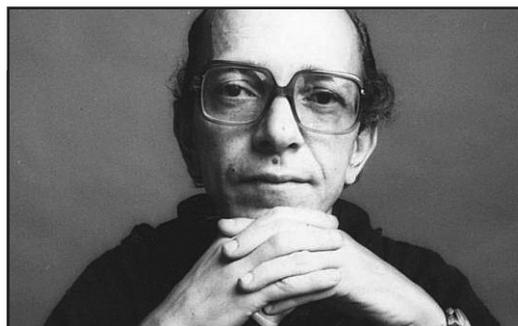
# José Carlos Oliveira, a atualidade da crônica

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

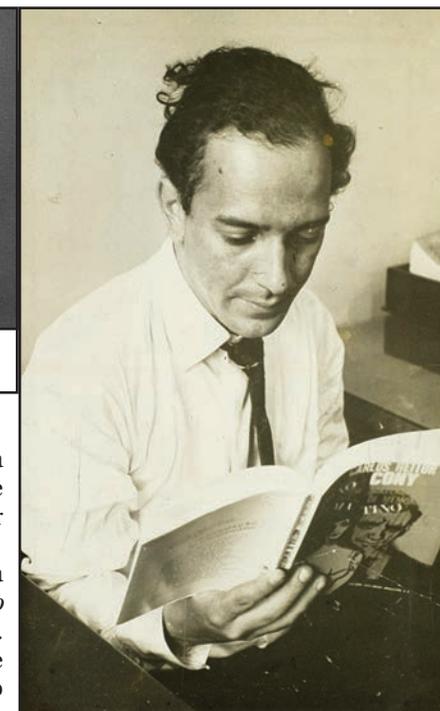
A crônica exerce sobre o leitor uma atração natural, talvez pelo talhe esguio da forma e o calor envolvente do conteúdo. Sua ligeireza convida à leitura, e época houve em que os jornais lançavam mão dos cronistas para fidelizar público. Lembra-me aqui um deles, dos bons e argutos que passaram pela imprensa carioca (o que vale dizer, brasileira), numa altura em que a vertiginosidade dos acontecimentos começava a se pôr e a irreverência se revelava uma das vias possíveis para a tradução daquilo tudo ao leitor.

Nascido em Vitória/ES, o cronista José Carlos Oliveira (1934-1986) cedo destacou-se nas letras da província, rapidamente tornada sufocante para a sua pena inquieta. A fuga apressada da terra natal deu-se em seguida a publicação de artigo contendo comentários depreciativos às associações literárias locais, com triste destaque para as academias maiores – a Espírito-santense de Letras e a Feminina Espírito-santense de Letras. A açodada mudança para o Rio de Janeiro deu no aparecimento de um dos mais destacados cronistas da época, os anos 1960/1980, nas páginas do *Jornal do Brasil*.

Atingindo notoriedade na imprensa, o próprio Oliveira cuidou de reunir nos volumes *Os Olhos Dourados do Ódio*, pela José Álvaro Editor, e *A Revolução das Bonecas*, pela Editora Sabiá, crônicas publicadas no período 1962/1966 (a editora Sabiá pertencia ao mineiro Fernando Sabino e ao capixaba Rubem Braga, pelo que fica provado a não impossibilidade de escritores capixabas serem solidários entre si). De crônicas publicaria, ainda, *O Saltimbanco Azul* (1979). Mais modernamente (em 2004-2005), o jornalista Jason Tércio resgatou outros textos de jornal e os reuniu nos volumes *Flanando em Paris* e *O Homem na Varanda do Antonio's*, pela Civilização Brasileira. Aliás, garimpando mais ainda, Tércio foi reunir crônicas de mocidade, publicadas em jornais espírito-santenses, no volume *O Rebelde Precoce: Crônicas da adolescência*, da Gráfica Espírito Santo. Além desses, deu a público o indispensável (para os interessados em José Carlos Oliveira, em Literatura Brasileira, no Brasil dos anos 1960/1980), *Diário Selvagem*. Oliveira faria, também, romance (*O Pavão Desiludido*, *Domingo 22*, *Terror* e *Êxtase*) e contos (*Bravos*



José Carlos Oliveira.



*Companheiros e Fantasmas*, este em edição da Universidade Federal do Espírito Santo, onde foi se recolher, no fim da vida, como “escritor residente”).

De 1995 é a pesquisa bibliográfica de Luciana Viegas publicada como *Diário da Patetocracia: Crônicas brasileiras – 1968*. Nos textos, as observações muito pessoais de Oliveira sobre um ano que se tornaria icônico pelos acontecimentos no Brasil e no mundo. Como tive oportunidade de registrar: “é do (escritor espírito-santense) Luiz Guilherme Santos Neves a observação de que a diferença entre Rubem Braga e José Carlos Oliveira, os dois expoentes da crônica no Espírito Santo, é que o segundo usa óculos” (*Breves Notas Quase-literárias*, 2019). Isto é, Oliveira vai fundo nos assuntos que explora, impregnado de um existencialismo que não era propriamente a intenção do Braga.

Um autor permanece atual quando suas ideias importam ao tempo em que é lido. Com a palavra, José Carlos Oliveira: “Hoje não estou nada radical. Estou é muito cansado de ver todo mundo endoidecendo. Todo mundo está ficando louco e ninguém toma a menor providência.” Pois.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

# O novo imortal Godofredo de Oliveira Neto

Por Maria Cabral

O romancista e professor Godofredo de Oliveira Neto foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras, entre nove candidatos, para a cadeira antes ocupada por Cândido Mendes de Almeida, que morreu em fevereiro deste ano. O catarinense, de 71 anos, recebeu 22 votos e passa a ser o sexto ocupante da cadeira 35.

Nascido em Blumenau (SC) no dia 22 de maio de 1951, com mais de 20 livros publicados no Brasil e no exterior, entre romances e contos, o novo acadêmico formou-se em Letras pela Universidade de Paris III, na França, onde também realizou seu mestrado (1979). É doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989) e graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Altos Estudos Internacionais, da Universidade de Paris II.

A obra de Godofredo de Oliveira Neto mescla ficção com a história do Brasil. Professor titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutor com pesquisa na Georgetown University – USA, foi premiado com uma estatueta no Prêmio Jabuti, em 2006. Seus romances *Menino Oculto* e *Amores Exilados* foram lançados no 35º Salão do Livro de Paris, em 2015. Seu livro *Ana e a margem do rio* foi publicado na Bulgária e recebeu, no Brasil, o selo

de Altamente recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

“O Godofredo é um romancista importante, com obras traduzidas em vários países do mundo, e isso é uma demonstração da Academia Brasileira de Letras, que quis ter um ficcionista nos seus quadros”, enfatiza o presidente da ABL, Merval Pereira.

Participaram da eleição, na sede da ABL, o palácio Petit Trianon, 34 acadêmicos de forma presencial ou por carta. A cadeira 35 teve também como ocupantes anteriores Rodrigo Octavio (fundador), Rodrigo Octavio Filho, José Honório Rodrigues e Celso Ferreira da Cunha.

Pesquisador na área de Literatura Brasileira com foco no Modernismo Brasileiro e na Literatura Contemporânea, Godofredo de Oliveira Neto também é membro do Centro de Pesquisas sobre países lusófonos – CREPAL – Université Sorbonne Paris III, desde 2017.

Para o autor, a literatura ajuda a refletir sobre a formação e a identidade do brasileiro: “O Brasil tem uma história literária maravilhosa, que está sendo resgatada porque era desigual, está sendo resgatada com autores afrodescendentes, indígenas, para mostrar a real situação da sociedade brasileira, e esse papel da literatura é fundamental, ir ao encontro da nação. Trazer para o palco iluminado essas franjas enormes, maioria até da nação brasileira, e isso tem que aparecer”, destacou.



## Crer ou descrer, eis a questão

Por Jô Drummond\*

Oriunda de família extremamente religiosa, fui batizada, catequizada e crismada. Repetia como papagaio o que me havia sido ensinado pelas freiras, durante a catequese. “Quem é Deus? Deus é um espírito perfeitíssimo e eterno, criador e redentor do Céu e da Terra.” Na minha ingenuidade, repetia aquilo de cor, sem saber o que era “espírito”, o que era “redentor” e muito menos quem era “Deus”. A distinção entre Céu e Terra era simples. Sabia que o céu era azul e a terra, marrom; que o primeiro ficava acima da minha cabeça e a segunda, sob meus pés.

Quando criança, em Patos de Minas, eu me ajoelhava semanalmente num confessionário, em vista da comunhão dominical. Toda boa menina tinha que mostrar sua pureza no ato da comunhão. Lembro-me de que, como não tinha pecados, fiz uma lista de eventuais deslizos, considerados por mim faltas graves, como, por exemplo: roubei biscoitos na despensa da mamãe; dormi sem rezar; falei palavras feias; desejei mal ao próximo; tive maus pensamentos... Recitava a mesma listinha todos os sábados, diante de um confessor que nada dizia. Apenas passava a penitência, que pouco variava: rezar um Pai Nosso e duas ou três vezes a Ave Maria. Um belo dia ele me perguntou que mal eu havia desejado ao próximo. “Desejei que minha coleguinha tropeçasse e caísse”, respondi. A penitência não mudou. Pensei que fosse me perguntar também quais eram os maus pensamentos. Certamente ele não se animou. Seria pura perda de tempo inquirir os pecados de uma garotinha de sete ou oito anos de idade. Além do mais, a fila tinha que andar.

Na adolescência, fui membro efetivo da Legião de Maria. Fiz trabalhos legionários em enfermarias de hospitais e na periferia. Rezava diariamente, antes de dormir, a catenaslegionis, cuja antifona ainda permanece em minha memória: “Quem é essa que avança como a aurora, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, terrível como o exército em ordem de batalha?” Naquela mesma época, como catequista, eu continuava repetindo aos pimpolhos o que havia aprendido no ensino religioso.

Aos 17 anos, todas as normalistas deveriam comungar durante a missa de formatura. Minha classe era numerosa. Fomos juntas, cerca de sessenta colegas,

à igreja dos padres capuchinhos, em Patos de Minas, para a confissão. O padre, ao se dar conta da quantidade de moçoilas, não se animou a atender uma a uma. Disse que faríamos uma confissão comunitária. Eu nunca havia ouvido tamanho disparate. O que seria confissão comunitária? Teríamos que dizer publicamente, em voz alta, nossos pecados?

Ele fez uma pequena pregação, solicitou alguns minutos de silêncio para que nos lembrássemos, nos arrependéssemos de nossos pecados e pedíssemos perdão, em linha direta com o Todo Poderoso. Depois de algumas orações, abençoou-nos e nos liberou. Não entendi a razão pela qual ninguém nunca havia mencionado essa possibilidade de eu ser perdoada pela divindade, sem me ajoelhar diante de um confessor. Fiquei revoltada por ter-me submetido inutilmente ao rito semanal de ir à igreja, durante tantos anos, desde a primeira comunhão. Enfrentava fila todos os sábados, repetia minha inútil lista fictícia diante do confessor, pagava penitência em falso alto de contrição, visto que os pecados eram inventados, para poder comungar durante a missa dominical, usando mantilha branca, símbolo da pureza. Quanta hipocrisia!

Diziam no catecismo que, ao recebermos a hóstia consagrada, na ponta da língua, ela deveria ser colada no céu da boca até à dissolução completa. Como se tratava do corpo de Jesus, se a mastigássemos, o sangue escorreria boca abaixo. Eu tinha o maior cuidado para que a hóstia nem tocasse os dentes. Não queria aparecer com a boca suja de sangue, dentro da igreja. Após a “famosa” confissão comunitária, comecei a duvidar desses disparates. Certo dia, em ato de rebeldia, fiz questão de mastigar a hóstia. Nada aconteceu.

No início dos anos setenta, houve radical mudança de vida. Entrei para uma Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, na capital do Estado. Tive então oportunidade de conhecer jovens de minha idade, leitores de Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus, entre outros existencialistas. O universo das Letras e da Filosofia se descortinava para a crédula provincianinha, que começava a inquirir tudo o que lhe havia sido inculcado. Desde então, ela passou a desacreditar nos ensinamentos religiosos e a questionar os dogmas.

Nos dias de hoje, sabe-se que, com a ajuda da ciência, que o fato de ter fé não acontece por vontade própria, nem pelos ditames do destino. No início deste terceiro milênio, pesquisas científicas confirmam que os indivíduos portadores do gene VMAT2 são intuitivos e mais religiosos. Os que não possuem tal gene, no meu caso, são mais reflexivos, têm raciocínio lógico e dificuldade em acreditar em algo impreciso. Ter fé significa crer prontamente, sem exigir comprovação científica, ou seja, acreditar sem perscrutar. Destarte, bem-aventurados os portadores do VMAT2, pois crer dói menos que descrer.

\*Jô Drummond é escritora, tradutora juramentada e artista plástica. Já publicou 18 livros.

# J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



## O QUARTO ESTAVA GELADO E ESCURO

*O Quarto Estava Gelado e Escuro* (Ed. Gryphus, 2022) marca a estreia do jornalista Zé Ronaldo Müller na literatura.

Com diálogos ágeis e uma narrativa muito bem elaborada, ao longo de 224 páginas, a obra é ambientada no início dos anos 1980, elencando as peripécias de dois amigos que vivem a transição entre uma adolescência prolongada e a vida adulta, partindo em busca de novas experiências. Nesse percurso, os personagens deslocam-se geograficamente entre dois continentes, numa sucessão frenética de cenas que prendem o leitor do início ao fim.

*O Quarto Estava Gelado e Escuro* poderia ser classificado como um “ride novel”. Nas suas três partes, o enredo se desenvolve em Nova York, no Mediterrâneo, e na Califórnia.

Há também um epílogo no qual o narrador-protagonista faz um balanço de suas experiências, e procura solucionar seus impasses existenciais.

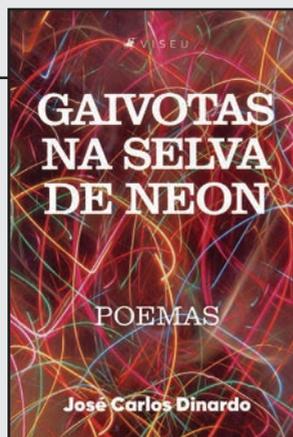
O livro conta com apresentação de Roberto Ferreira da Rocha, professor do Departamento de Letras da UFRJ e contracapa do poeta e jornalista Christovam de Chevalier.

José Ronaldo Müller é jornalista com mais de 15 anos de experiência. cursou MBA em Film and Television Business na Fundação Getúlio Vargas. Trabalhou com inúmeros colunistas sociais. Há mais de cinco anos seu site [www.zeronaldo.com](http://www.zeronaldo.com) tem conteúdo diversificado e exclusivo.

## GAIVOTAS NA SELVA DE NEON

Na coletânea *Gaivotas na Selva de Neon* (Ed. Viseu), José Carlos Dinardo reúne 70 poemas, de épocas distintas. Sem polarização temática, os textos estão dispostos em sequência aleatória. O conjunto manifesta a luta do homem no seu anseio de adaptação aos papéis que representa na vida, tais como se percebe em “Existencial”, onde se lê: “E a vida vai me levando, / À contragosto do meu gosto: / Por tempo, / Por crescimento, / Por invento.” Na contracapa do livro, o autor explica: “Assemelha-se, a colocar os poemas como mensagens numa garrafa e lançar ao mar, contendo meus sentimentos, impressões, sonhos e pesadelos, esperando que o leitor ache a garrafa e desfrute do seu conteúdo.”

Nascido em 1950, em Rio Claro, no interior do Estado de São Paulo, José Carlos Dinardo passou a infância à beira de uma floresta de eucaliptos. O fascínio pela natureza e pelos animais provém deste cenário: “Neste clima de sonhos, pavimentei o meu caminho”, explica. É graduado em Engenharia de Telecomunicações. Escreve e declama poesias desde o início da década de 1980. Em abril de 2019, publicou o primeiro livro, *Caos Estrelado*, também pela Editora Viseu. Seis de seus poemas foram publicados na edição 85 da revista digital *InComunidade*, de Portugal.



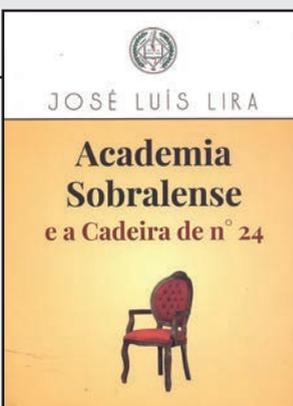
## ACADEMIA SOBRALENSE

No âmbito das comemorações do Centenário da Academia Sobralense de Estudos e Letras, destaca-se a obra *Academia Sobralense e a Cadeira de nº 24* (Fortaleza, 2022), de José Luís Lira.

Ultrapassando o gênero biográfico, o autor aprofunda-se nas origens da Academia Sobralense de Letras (1922), em sua primeira fase, para atingir a Academia Sobralense de Estudos e Letras (1943), segunda e definitiva fase de sua instituição, como primeira entidade literária sobralense, cuja história é marcada por avanços e recuos. Como resultado, brinda-nos com pesquisas sobre a “Cadeira 24”, por ele ocupada, apresentando biografias do seu patrono, fundador, antecessores e a sua própria.

Com um estudo acurado, Lira faz uma retrospectiva histórica elucidativa, com fontes primárias, como Atas, artigos publicados, discursos e documentos, apresentando uma visão contemporânea da ASEL, nascida em Sobral, terra hegemônica de notáveis cearenses.

Nascido em Guaraciaba do Norte, no dia 17 de dezembro de 1973, José Luís Araújo Lira é advogado, jornalista, escritor, mestre e doutor em Direito pela Universidade Nacional de Lomas de Zamora, Argentina, com título de doutor reconhecido no Brasil pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2020). É pós-doutor em Direito pela Universidade de Messina, Itália. Fundador da Academia Fortalezense de Letras, entre outras, com 26 livros publicados, é professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú.



## APENAS UM POETA

*Apenas um Poeta* (Um passeio biográfico pela vida e obra de Gabriel Nascente), publicado pela Editora

Kelps (2022), é, como o próprio subtítulo anuncia, uma síntese do registro poético do autor do monumental *Ópera dos ausentes*.

Na introdução, o acadêmico goiano Miguel Jorge destaca o que o autor chama de “duelos com a palavra”: “É bom ouvi-lo em seus brados de alerta! Assim é esse nosso poeta. Sempre com os olhos bem abertos e a mente ágil. Asas abertas para voos vagos, ou para novas conotações de abandono e tristeza, mas sempre com a intensa grandeza de coração.”

Na contracapa, Batista Custódio não poupa elogios: “O Gabriel Nascente é nômade onde estiver aqui entre nós. Vive do lado de fora desse mundo. Não mora na pessoa. Habita na alma. Gravita na órbita das ideias e no universo da mente. Viaja na inspiração, põe poemas no coração, brinca com sonhos no passeio dos desejos escondidos no sentimento.”

Com o primeiro livro (*Os Gatos*) publicado aos 16 anos, Gabriel Nascente tem mais de 60 obras. Membro da Academia Goiana de Letras, ganhou vários prêmios literários do país, entre eles, o prêmio nacional de poesia da Academia Brasileira de Letras, por seu livro *A Biografia da Cinza*.



## VIVER É UMA ARTE

Na obra *Viver é uma Arte: Transformando a dor em palavras* (Grupo Editorial Letramento, 2022), a atriz Beth Goulart estreia na literatura, com uma homenagem à mãe, Nicette Bruno. As duas planejaram escrever um livro juntas, em que contariam um pouco da cumplicidade compartilhada na vida no palco. A narrativa começaria com a morte de Paulo Goulart, em 2014, depois de uma luta de quatro anos contra um câncer. Mas 2020 chegou com a inesperada pandemia de Covid-19, e o processo de escrita foi interrompido pela partida de Nicette Bruno, após 21 dias do diagnóstico. O livro teve que esperar o tempo do luto. Com prefácio da acadêmica Nélida Piñon e posfácio da atriz Fernanda Montenegro, a obra relata, em sua primeira parte, as histórias do amor e da arte da família. Depois, a experiência da filha sem a mãe, a dor da perda.

Membro da Academia Brasileira de Cultura, ocupando a cadeira de número 22, cujo patrono é sua mãe, Beth Goulart é dramaturga, diretora, cantora, palestrante e premiada atriz de teatro, cinema e televisão. Sua estreia profissional foi na peça *Os efeitos dos raios gama sobre as margaridas do campo* (1974), que lhe rendeu a indicação ao Prêmio APCA como atriz revelação.



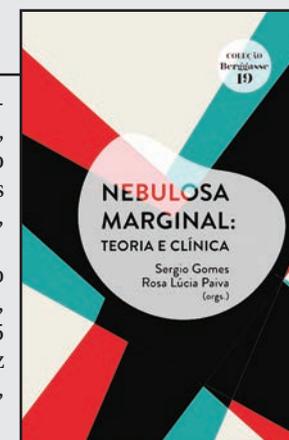
## NEBULOSA MARGINAL: TEORIA E CLÍNICA

*Nebulosa Marginal: Teoria e clínica* (INM Editora), organizada pelos psicanalistas Sérgio Gomes e Rosa Lúcia Paiva, reúne 25 ensaios de nomes expressivos da psicanálise e do pensamento contemporâneo. Os textos foram produzidos a partir de ações do “Instituto Nebulosa Marginal (INM)”, durante a pandemia.

Entre abril e dezembro de 2020, foram oferecidos, pelo INM, 58 cursos, fora os dois grupos de estudos formados, além de palestras e uma peça teatral, totalizando 1.895 participantes. Uma das propostas do instituto é de jogar luz sobre autores das escolas inglesa e húngara da Psicanálise, muitos não traduzidos para o português.

A coletânea, com 447 páginas, é dividida em duas partes. A primeira apresenta textos teóricos e a segunda traz ensaios clínicos. Alguns dos escritos têm como premissa as proposições clínicas de Sándor Ferenczi, além de nomes relevantes do chamado Middle Group da escola inglesa de Psicanálise. Entre outros nomes da contemporaneidade que também norteiam os escritos, estão André Green, René Roussillon, Anne Alvarez, Didier Anzieu e Harold Searles.

O Instituto Nebulosa Marginal e a INM Editora resultam da parceria entre os psicanalistas Sérgio Gomes e Rosa Lúcia Paiva, que, em abril de 2020, tiveram a ideia de promover cursos e debates on-line voltados à psicanálise e a áreas congêneres do pensamento.



**JL** **Entrevista**transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.**ROBERTO BOCLIN****Faculdade voltada para a Avaliação**

**Arnaldo Niskier:** Hoje, temos o prazer de receber a visita do educador e engenheiro Roberto Boclin. Ele dirige a Faculdade de Educação da Fundação Cesgranrio e tem um passado extraordinário de serviços prestados à educação brasileira. Vamos falar de assuntos dos quais você gosta muito, como o ensino de 2º grau, o ensino médio. Como você vê o ensino médio hoje em dia?

**Roberto Boclin:** Antes de falar do ensino médio, queria dizer a você que é um especial privilégio estar hoje aqui ao seu lado, convidado, porque além de tudo é grande amigo meu, além de toda sua competência. Sempre fui grande admirador e levo comigo, desde 1980, uma gratidão profunda, porque foi você que me colocou no Conselho Estadual de Educação. Aquilo foi para mim realmente um aprendizado extraordinário, porque você se depara com situações ligadas à educação de todos os tipos.

**Arnaldo Niskier:** Mas eu tinha a solidariedade do governador Chagas Freitas, ele gostava das boas ideias, não reagia, ao contrário, concordava. Quando falei no seu nome, você era diretor do SENAI há muitos anos, ele concordou imediatamente e nomeou você, que ficou lá muito tempo.

**Roberto Boclin:** Fiquei 20 anos. Fui quatro mandatos de presidente lá e, toda vez que assumia a presidência, me referia ao dia que você me nomeou. Você era o secretário de Educação e Cultura, mas também foi secretário de Educação, Ciência e Tecnologia com Negrão de Lima.

**Arnaldo Niskier:** Construí o Planetário aqui do Rio. Hoje o Planetário vacina contra a Covid.

**Roberto Boclin:** Visitei o Planetário algum tempo atrás e é realmente um projeto extraordinário.

**Arnaldo Niskier:** Ali era uma favela, Parque Proletário da Gávea. O governador cedeu o espaço e construímos o Planetário, projeto dos irmãos Menescal. Ficou muito bonito e acho que até hoje presta belíssimos serviços à cultura...

**Roberto Boclin:** E tem lá pessoas ligadas à tecnologia que são competentíssimas.

**Arnaldo Niskier:** Eles cuidam de astronomia.

**Roberto Boclin:** Não é a nossa praia, mas eles são estudiosos. Agora um voou lá para cima. Ele deve ter pensado antes se seria castigo, mas depois se animou.

**Arnaldo Niskier:** Dez minutos, foi, voltou e conheceu o espaço.

**Roberto Boclin:** Mas sempre apreciei muito o seu governador e a D. Zoé, a esposa dele. Um dia, ela me convidou para visitar o Palácio Laranjeiras, que estava completamente abandonado. Ela reformou e queria que os governadores usassem o Palácio como a sede do governo. Fiz um trabalho para ela, porque queria colocar nas casas de grandes nomes do passado umas placas para homenagear ("aqui morou fulano de tal") e quem fez as placas foi o SENAI a pedido dela. As placas estão lá, os homenageados não estão mais, mas as placas estão.

**Arnaldo Niskier:** Você guarda boa lembrança desses 20 anos que dirigiu o SENAI?

**Roberto Boclin:** Foram 20 anos dirigindo e 40 anos como funcionário. Comecei como professor de matemática lá na Escola do SENAI de Benfica. Tenho lembranças maravilhosas do SENAI e do meu tempo no SENAI, porque tivemos uma equipe boa e uma visão boa (essa que você falou de inovação e tudo), isso está presente lá até hoje. Não sei como andam as coisas, mas foi uma época de convênios com a Universidade Federal, convênios com os Centros de Tecnologia de Israel.

**Arnaldo Niskier:** Já havia a ideia da profissionalização no SENAI.

**Roberto Boclin:** Havia, claro. É que a ideia da profissionalização tinha uma característica de cuidar dos analfabetos, dos pobres e tal, e fomos criando nos pobres...

**Arnaldo Niskier:** Sofisticando um pouco mais...

**Roberto Boclin:** Sofisticando um pouco

mais e dando aos pobres oportunidades que não tinham de estudar determinadas áreas e conseguir empregos muito bons. Todos os ex-alunos do SENAI saíram empregados, muitos viraram empresários. O SENAI me deu muitas alegrias. Passei 20 anos como diretor, só tive alegrias e, nos outros 20 anos, como professor e diretor de escolas, também foi um período maravilhoso.

**Arnaldo Niskier:** E havia uma competição entre o SENAI e o SENAC?

**Roberto Boclin:** Não. Não existia essa competição. Tínhamos até uma relação muito boa com o SENAC aqui do Rio. É que o SENAC cuidava da área comercial, dos negócios, setor terciário. Outro que também tínhamos boa relação, não sei como anda hoje, era o SEBRAE, também nessa área do empreendedorismo...

**Arnaldo Niskier:** Você aplicou esses conhecimentos criando a Faculdade da Fundação Cesgranrio. Quais são exatamente as matérias que estão nessa Faculdade da Fundação Cesgranrio?

**Roberto Boclin:** A Faculdade Cesgranrio foi uma idealização do professor Carlos Alberto Cerpa, porque lá na Cesgranrio ele entendia que os concursos de vestibulares tinham que ser direcionados também para o ensino superior da Faculdade da Fundação Cesgranrio. Um dia, ele me pediu para criar uma Faculdade voltada para avaliação, que sempre foi a vocação da Fundação Cesgranrio. Criamos a Faculdade de Avaliação e o curso de Gestão da Avaliação; também o de recursos humanos, que está indo muito bem, chamado de Gestão de Recursos Humanos Sustentáveis. A ideia da sustentabilidade é um princípio desse curso. O curso de avaliação está sendo para mim motivo de muito prazer, porque leciono a disciplina Avaliação institucional, é aquela que cuida dos processos de avaliação, tem o INEP presente com seu sistema nacional do ensino superior e tem uma série de modelos já adotados em vários países e que são apresentados nessa disciplina. A Fundação Cesgranrio tem também o mestrado Cesgranrio, ela já possui esse mestrado há bastante tempo, há cerca de seis, sete anos.

**Arnaldo Niskier:** O mestrado está incorporado à Faculdade?

**Roberto Boclin:** Está sim. É conduzido pela professora Ligia Elliot, que é muito dedicada a esse mestrado, e tem as disciplinas que são típicas do modelo de avaliação. Na realidade, é uma coisa muito nova, porque você não encontra isso em outros lugares.

**Arnaldo Niskier:** E tem muitos alunos?

**Roberto Boclin:** Não muitos, mas tem, curiosamente, alunos muito interessados. Por exemplo, agora mesmo terminei uma turma, que tinha engenheiros da UFRJ. Já tive várias

turmas de engenheiros, essa agora de engenheiros da UFRJ, tem de médicas, tem de estudantes de medicina...

**Arnaldo Niskier: Interessados em avaliação?**

**Roberto Boclin:** Sim, porque a avaliação, dentro de um contexto de acreditação, andou uns tempos na moda, acreditação de hotéis, de hospitais, enfim. É um modelo que avalia a qualidade da instituição e atribui a ela pontos para que possa ser entendida no mercado.

**Arnaldo Niskier: Hoje, com a avaliação do MEC, os cursos da Fundação Cesgranrio que você dirige só tem nota 5, que é a máxima.**

**Roberto Boclin:** São todos nota 5 de avaliação, de recursos humanos. O Cerpa lançou o curso de Teatro, tem avaliação de sistemas da informação. São cursos que estão tendo boa receptividade.

**Arnaldo Niskier: Tem professor para isso tudo?**

**Roberto Boclin:** Tem. Os cursos funcionam, a maioria, à noite. Agora o Cerpa está instalando a Faculdade junto à Fundação, lá no Rio Comprido, porque ela começou no Cosme Velho.

**Arnaldo Niskier: Antiga sede da Fundação Cesgranrio.**

**Roberto Boclin:** Exatamente, mas o prédio ficou pequeno. Então ele aproveitou o antigo prédio da Fundação Cesgranrio, no Rio Comprido, reformou o prédio e agora estamos passando para lá os cursos. Os de mestrado ainda estão no Cosme Velho.

**Arnaldo Niskier: O sonho do Cerpa é criar uma Universidade.**

**Roberto Boclin:** O próximo passo da Faculdade Cesgranrio é passar para Centro Universitário e, depois, para Universidade e vamos trabalhar para isso.

**Arnaldo Niskier: Com os cuidados dele, naturalmente isso tudo vai ser alcançado.**

**Roberto Boclin:** Ele é empreendedor.

**Arnaldo Niskier: Agora é importante dizer que a sua Faculdade é dirigida pelo Paulo Alcântara Gomes.**

**Roberto Boclin:** É diretor acadêmico. Com muito prazer para nós, o Paulo está lá, tem experiência trazida da Federal, foi reitor da Universidade, é muito competente. Ele é o diretor acadêmico, está indo muito bem, com muito sucesso. O futuro nosso vai ser mesmo esse: Centro Universitário e Universidade.

**Arnaldo Niskier: Você tem no gatilho algumas ideias de novos cursos?**

**Roberto Boclin:** Na verdade, o Centro

Universitário... Não sou unanimidade nessas minhas ideias. Por exemplo, por ser engenheiro, gostaria muito de ter um curso de engenharia. Essa é uma proposta que o Paulo, que também é engenheiro, está aceitando. Essa ideia, que é natural, não tem nenhuma novidade, mas um bom curso de engenharia ligado, por exemplo, à produção. Existem, já aprovados pelo MEC, cursos de engenharia da produção. Esse é um que gostaria.

**Arnaldo Niskier: Tenho uma neta que se formou em engenharia da produção pela PUC, onde você se formou também.**

**Roberto Boclin:** Me formei na PUC, em 1958. Sempre fui muito ligado ao SENAI. Precisava trabalhar e comecei minha vida dando aula para o SENAI, lá no Viaduto Ana Neri, em Benfica, um prédio maravilhoso, um centro tecnológico.

**Arnaldo Niskier: Conheci você brilhando, na rua Mariz e Barros, na Tijuca. Você dirigia aquele complexo com uma competência extraordinária. Como você vê o ensino médio hoje? Com precariedade?**

**Roberto Boclin:** Realmente. Tenho uma imagem muito ruim do ensino médio, principalmente porque está dividido em duas frentes: uma frente das escolas privadas, particulares, que têm o ensino médio de certa qualidade, algumas até de muita qualidade; tem o outro lado do ensino médio, principalmente voltado para as famílias mais pobres, que é o ensino médio do governo, oficial, e que infelizmente está muito distante do ideal, ainda mais quando você começa a pensar em novas tecnologias. Agora mesmo, com essa pandemia, algumas escolas privadas funcionaram depois de algum tempo on-line.

**Arnaldo Niskier: Li hoje na Folha de São Paulo... Está se anunciando que a tecnologia 5G vem aí. Mas a própria Folha de São Paulo esclarece que estamos longe de universalizar o 4G e já estamos pensando no 5. Como você vê isso?**

**Roberto Boclin:** Vejo mal, porque agora, com a pandemia e com as escolas privadas oferecendo cursos on-line, muitas disciplinas on-line (alguns alunos conseguiram superar o problema da falta as escolas), mas a classe pobre não teve acesso, porque ninguém tem computador, nas favelas não existem computadores. Existe um pensamento também um tanto contrário ao que sempre pensamos. Agora ouvi falar que querem fazer a escola domiciliar, um absurdo, está voltando a 1800 e qualquer coisa, quando tinham lá os preceptores. Na realidade, o ensino médio não pode ser só livro e professor.

**Arnaldo Niskier: A chamada sociabilidade dos alunos tem que ser considerada.**

**Roberto Boclin:** E a profissionalização

também, que vem em paralelo, principalmente deveria vir nas escolas pobres.

**Arnaldo Niskier: Você batalhou tanto por isso.**

**Roberto Boclin:** Muito. Os ex-alunos do SENAI de antigamente saíam das escolas empregados. Tenho um exemplo até interessante. Um ônibus da General Electric parava na porta da escola, essa lá onde comecei, saíam os meninos, filhos dos operários que vinham fazer os cursos de aprendizagem no SENAI.

**Arnaldo Niskier: Isso não tem mais hoje.**

**Roberto Boclin:** Hoje, inclusive, a visão sobre a profissionalização para os pobres está muito ruim.

**Arnaldo Niskier: E há muito abandono.**

**Roberto Boclin:** Não vejo planos educacionais de modo geral. Já estamos no final do governo, dessa gestão, e tivemos cinco ministros, não houve um plano de educação que pudéssemos dizer “não, aconteceu isso, isso, isso”. Lembro do seu tempo como Secretário de Educação, você tinha planos que aplicava nas escolas e isso não tem. Vejo mal o ensino médio e não sei como vamos resolver isso, porque não se discute educação. Agora mesmo cortaram todas as verbas.

**Arnaldo Niskier: Como se educação não fosse a prioridade número um do país. Educação é a mais importante.**

**Roberto Boclin:** Sem educação, você não faz economia.

**Arnaldo Niskier: Não faz nada. E o Ministério da Economia é que corta as verbas da educação para servir a outros interesses. Acho um absurdo.**

**Roberto Boclin:** Uma pena. Cortaram da educação, da saúde e do meio ambiente.

**Arnaldo Niskier: Você acredita que vindo um plano possamos recuperar o tempo perdido na área do ensino médio?**

**Roberto Boclin:** Acho que sim, tem que haver uma política bem definida e voltada para a melhoria das classes menos favorecidas. As classes que têm famílias de posse podem resolver os seus problemas numa boa escola particular, mas as classes menos favorecidas precisam de atenção especial, porque você vê os meninos irem para a escola e não tem aula. E as crianças pobres voltam para casa e não tem computador para ensinar nada.

**Arnaldo Niskier: Falta muito. Temos que ter esperança de que as coisas daqui para frente possam melhorar bastante.**

# O Premiado DaMatta

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

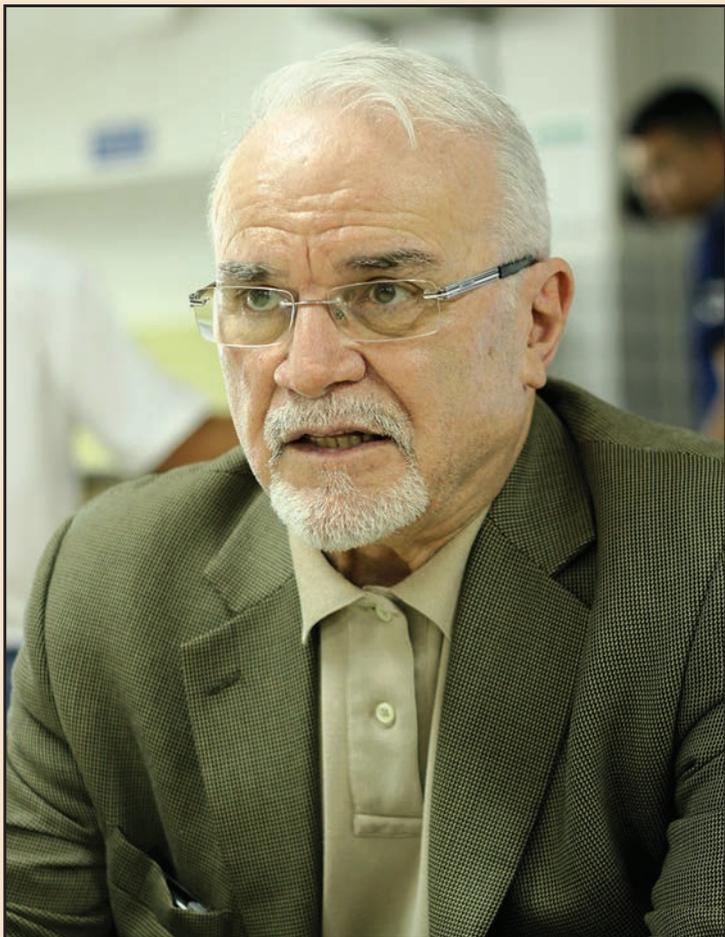
Aos 85 anos, o antropólogo Roberto DaMatta é o vencedor do Prêmio Machado de Assis 2022, concedido pela Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo conjunto de sua obra.

Membro titular da Academia Brasileira de Ciências, com 11 livros que são marcos da formação do pensamento antropológico brasileiro, DaMatta escreveu também mais de uma centena de ensaios técnicos, vários artigos para os principais jornais do país e do exterior, inclusive para o *New York Times*.

O mais famoso de seus títulos é *Você Sabe com quem Está Falando?*, volume com três ensaios que analisam o autoritarismo brasileiro. É um ótimo exemplo de como construiu suas obras, sempre a partir da cultura popular, analisando fenômenos como futebol, Carnaval, fé e o famoso “jeitinho brasileiro”.

Nos anos 1980, o livro *O que Faz o Brasil, Brasil?* recebeu o prêmio Casa Grande e Senzala, do Instituto Joaquim Nabuco, como a melhor interpretação do Brasil.

Considerado um dos grandes nomes das Ciências Sociais no país, é autor de diversas obras de referência na Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Outros destaques em sua bibliografia são *Conta de Mentiroso: Sete ensaios de Antropologia brasileira*, *Universo do Carnaval*, *A Casa e a Rua* e *Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social*.



O antropólogo Roberto DaMatta venceu o Prêmio Machado de Assis 2022, concedido pela ABL pelo conjunto de sua obra.

*Você Sabe com quem Está Falando?* (Ed. Rocco) é composto por três ensaios de Roberto DaMatta, abordando aspectos complementares do autoritarismo no Brasil, que tem se exacerbado nos últimos tempos, quando não faltam notícias sobre casos de racismo, machismo, ignorância, arrogância e injustiça cometidos por autoridades que usam de sua posição hierárquica para se colocarem como superiores aos demais.



## BIOGRAFIA

Nascido no dia 29 de julho de 1936, em Niterói, Roberto Augusto DaMatta sempre se interessou em pesquisar e entender o povo brasileiro. Bacharel (1959) e licenciado (1962) em História pela Faculdade Fluminense de Filosofia (hoje Universidade Federal Fluminense), é especializado em Antropologia Social.

No fim dos anos 1960, quando muitos de seus companheiros protestavam contra a influência americana no país, partiu para os Estados Unidos. Fez mestrado (1969) e doutorado (1971) em Harvard.

Uma de suas maiores influências foi o antropólogo americano David Maybury-Lewis (especialista da etnia Xavante), a quem auxiliou durante seus estudos em Harvard. Sua obra também estabelece importantes diálogos com os franceses Claude Lévi-Strauss, Louis Dumont, Émile Durkheim e Alexis de Tocqueville (este, amplamente citado no famoso ensaio sobre o *Sabe com quem Está Falando?*), o escocês Victor Turner e, especialmente, com os brasileiros Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Roberto Cardoso de Oliveira.

Dedicado, sobretudo, à análise e interpretação da sociedade brasileira, enquanto alguns tentavam entender o Brasil a partir de teses marxistas ou de estruturalistas franceses, DaMatta resgatou, essencialmente, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. Construiu, assim, uma “antropologia à brasileira”, baseada na observação e compreensão de fenômenos locais como o Carnaval, o futebol e o jogo do bicho.

Em 1974, Oswaldo Caldeira realizou, para o Ministério da Educação e Cultura, o documentário de média metragem “Aukê”. O filme é uma

*O que Faz o Brasil, Brasil?* (Editora Rocco) foi considerado a melhor interpretação do Brasil. O Brasil maiúsculo que Roberto DaMatta apresenta não é um conjunto de instituições ou de fatos históricos, e sim o fundamento de nossa identidade.

**VOCÊ SABE  
COM QUEM  
ESTÁ  
FALANDO?**  
ESTUDOS SOBRE  
O AUTORITARISMO  
BRASILEIRO  
**ROBERTO  
DAMATTA**

Roberto DaMatta

O que faz  
o Brasil,  
Brasil?



Rocco

Rocco

aula de Antropologia, baseada em um estudo, feito em 1970 por Roberto, chamado “Mito e antimito entre os Timbira”, que conta o surgimento do homem branco do ponto de vista indígena. O próprio Roberto apresenta e explica seu trabalho ao longo do filme, que foi selecionado e exibido no Festival de Brasília, em 1975.

De 1987 a 2004, foi professor da Universidade de Notre Dame, em Indiana, onde tornou-se a voz mais ouvida pelos americanos que tentavam entender o Brasil.

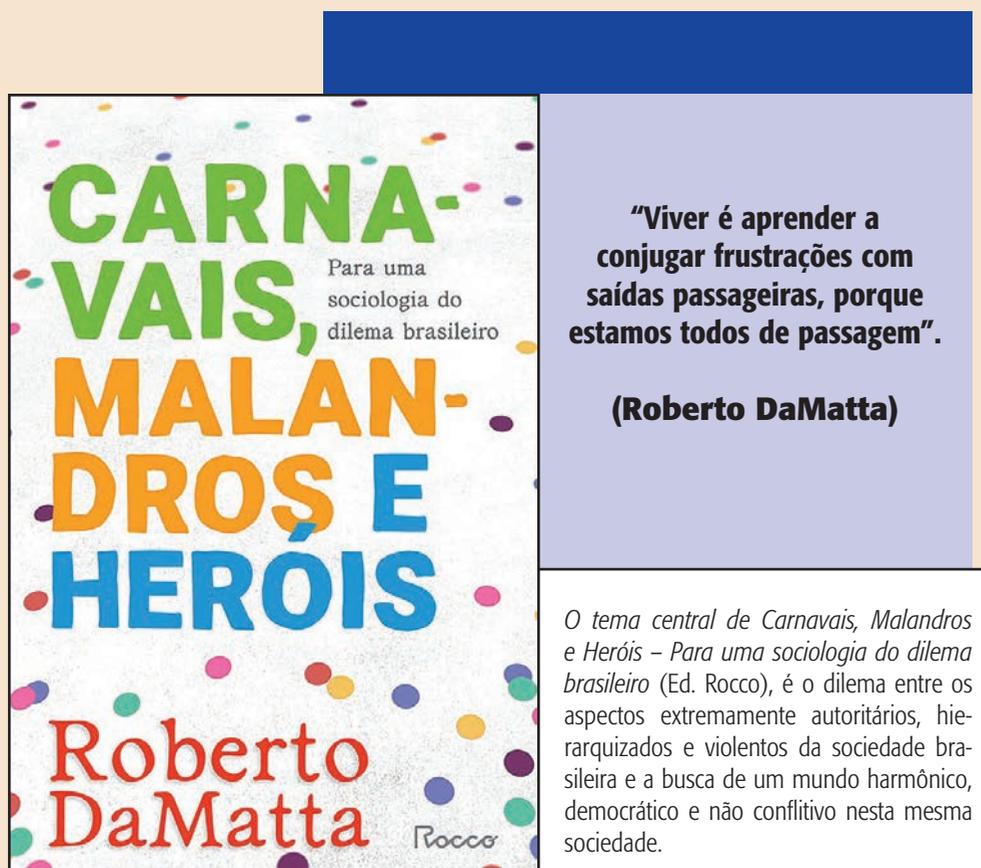
No exterior, foi professor visitante de três universidades: Wisconsin, em Madison, e Universidade da Califórnia, em Berkeley, (ambas nos Estados Unidos), e na Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Pioneiro nos estudos de rituais e festivais em sociedades industriais, investigou o Brasil a fundo como sociedade e sistema cultural. Realizou pesquisas etnológicas entre os índios Gaviões e Apinayé.

## RAÍZES

Apesar de morar fora por um longo período, nunca cortou as raízes, vindo com frequência ao Brasil, abastecendo-se de novidades e ideias. Até decidir retornar de vez, indo morar em Niterói.

Lecionou no Museu Nacional da UFRJ e na Universidade Federal Fluminense, onde dirigiu o Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Professor Emérito da Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos, onde ocupou a Cátedra Reverendo Edmund Joyce, c.s.c., de Antropologia (entre 1987 e 2004), atualmente, é professor titular de Antropologia Social da PUC-Rio.

Dentre prêmios e títulos recebidos durante a carreira, destacam-se: Prêmio Casa Grande & Senzala (1984), pelo livro *O que Faz o Brasil, Brasil?*; Comendador da Ordem Nacional do Mérito Científico (1995); Comendador da Ordem do Rio Branco (2001), do Ministério de Relações Exteriores; Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico (2002); Medalha da Ordem do Mérito Cultural (2002), do Ministério da Cultura; Personalidade Cidadania (2005) da UNESCO; Incluído na lista “100 Brasileiros Geniais” (2006), jornal *O Globo*; Incluído na lista “100 Brasileiros que mais fazem acontecer” (2007), da revista *Época*; Comenda ofertada pela Ordem dos Advogados do Brasil (2011); Além da ABC, possui associações com o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), o PEN Club do Brasil (Organização Internacional de Escritores), a Academia Americana de Artes e Ciências (AAAS, na sigla em inglês) e com a Academia Americana de Ciências (AASCI, na sigla em inglês). “Meu objetivo era ser escritor e a antropologia social ou cultural foi quem me ofereceu a oportunidade de realizar a escrita e ganhar a vida”, afirma.



## NAÇÃO COMPLEXA

Estudioso do país, de seus dilemas e de suas contradições bem como de seu potencial e de suas soluções, o antropólogo considera o Brasil uma nação complexa, que não se submete a uma fórmula ou esquema único, tão diversificada como diversificados são os rituais, conjunto de práticas consagradas pelo uso ou pelas normas, a que os brasileiros se entregam.

O antropólogo revela a cultura do povo brasileiro através de suas festas populares, manifestações religiosas, literatura e arte, desfiles carnavalescos, paradas militares, leis e regras (quando respeitadas e quando desobedecidas), costumes e esportes. Todos esses temas são abordados em sua relação com duas espécies de sujeito (o indivíduo e a pessoa), e situados em dois tipos de espaço social (a casa e a rua).

A distinção entre indivíduo e pessoa é bem demarcada em seu original trabalho sobre a conhecida pergunta: *Você sabe com quem está falando?* Os seres humanos que se sentem autorizados a se dirigir dessa forma aos outros colocam-se na posição de “pessoas”: são “alguém” no contexto social. Os seres humanos a quem tal pergunta é dirigida seriam “meros indivíduos”, “mais um na multidão”.

A rua é o espaço público. Como é de todos, em tese não é de ninguém: logo, tem-se ali um espaço “hostil” onde não valem as leis e os princípios éticos, a não ser sob a vigilância da autoridade. A convivência na rua depende de uma negociação constante entre iguais e desiguais.

A casa, considerada num sentido amplo, é o espaço privado por excelência, onde estão “os nossos”, que devem ser protegidos e favorecidos. Nessa abordagem, DaMatta atualizou o conceito de “homem cordial”, de Sérgio Buarque de Holanda.

Trafegando com notável desembaraço entre o mundo acadêmico e a escrita coloquial, atualmente, integra o quadro de columnistas de *O Globo* e do *Estadão*. O escritor e antropólogo revela em seus textos ângulos insuspeitos da vida social, sendo capaz de transpor a linguagem da cultura popular para o pensamento sistematizado.

## OBRA

- Índios e Castanheiros* (com Roque de Barros Laraia) – 1967
- Ensaio de Antropologia Cultural* – 1975
- Um Mundo Dividido: A estrutura social dos índios Apinayé* – 1976 (em inglês, 1982)
- Carnavais, Malandros e Heróis* – 1979 (em francês, 1983; em inglês, 1991)
- Universo do Carnaval: Imagens e reflexões* – 1981
- Relativizando: Uma introdução à antropologia social* – 1981
- O que Faz o Brasil, Brasil?* – 1984
- A casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* – 1984 (em 2000, foi lançada a 11ª edição)
- Explorações: Ensaio de sociologia interpretativa* – 1986
- Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira* – 1993
- Torre de Babel: Ensaio, crônicas, críticas, interpretações e fantasias* – 1996
- Águias, Burros e Borboletas: Um ensaio antropológico sobre o jogo do bicho* – 1999
- Profissões Industriais na Vida Brasileira* – 2003
- Tocquevilleanas, notícias da América* – 2005
- A Bola Corre mais que os Homens: Duas Copas* – 2006
- Fé em Deus e Pé na Tábua: Como e por que o trânsito enlouquece no Brasil* – 2011
- Brasileirismos: Além do jornalismo, quem da antropologia e quase ficção* – 2015
- Fila e Democracia* – 2017

## SÉRIES PARA TELEVISÃO

- Os brasileiros* (Rede Manchete, 1983, autoria e produção)
- Nossa Amazônia* (Rede Bandeirantes, 1985, autoria) – direção de Cacá Diegues.

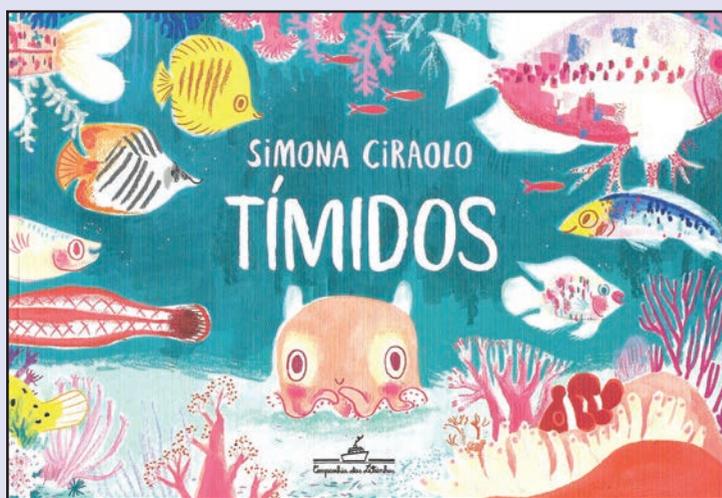
Visite a nossa página na internet: [annarennhack.wix.com/amor](http://annarennhack.wix.com/amor)

# Sentimentos, músicas e descobertas

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

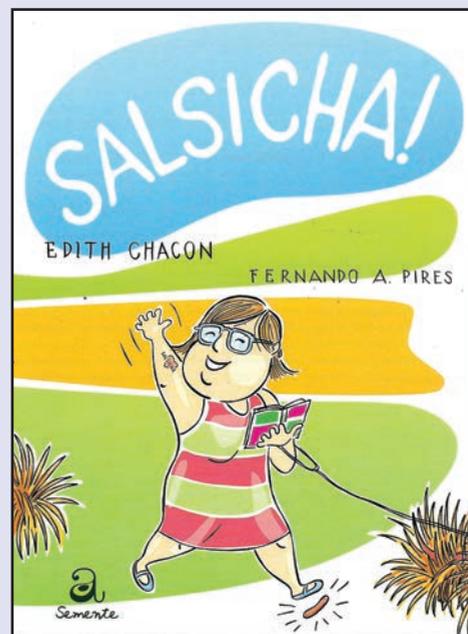
Selecionamos histórias atraentes, coloridas, que prendem o olhar, a atenção e, muitas vezes, podem penetrar com sutileza no coração infantil e juvenil, com alegria, esperança e motivação. A música, a dança, os jogos e brincadeiras estão presentes em várias e a musicalidade da primeira palavra (mamãe) é uma deliciosa lembrança.

*Tímidos* – (Cia. das Letrinhas – tradução de Nathália Dimambro) – Maurício é um simpático peixinho que mostra como a timidez não o impede de se divertir no fundo do mar. Às vezes ele consegue ficar até escondido do leitor, camuflado nas ilustrações de Simona Ciraolo, autora e ilustradora italiana que invade o nosso olhar com riqueza de cores e detalhes. Será que Maurício vai continuar sozinho?

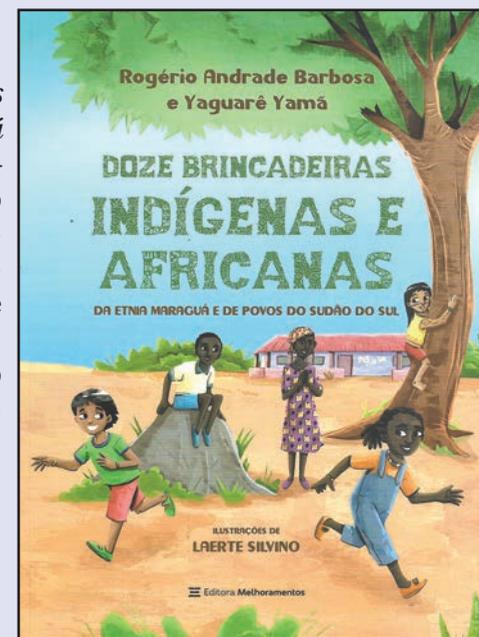


*Quando o Bebê diz Mã Mã* – (Semente) – Tino Freitas escreveu e Gilles Eduar ilustrou essa história para os pequeninos. Vovô, vovó, titia, papai, mamãe, toda a família aguarda, ansiosa, pelos murmúrios do bebê, sugerindo palavras. Mas, que magia acontece quando ele balbucia Mã mã?

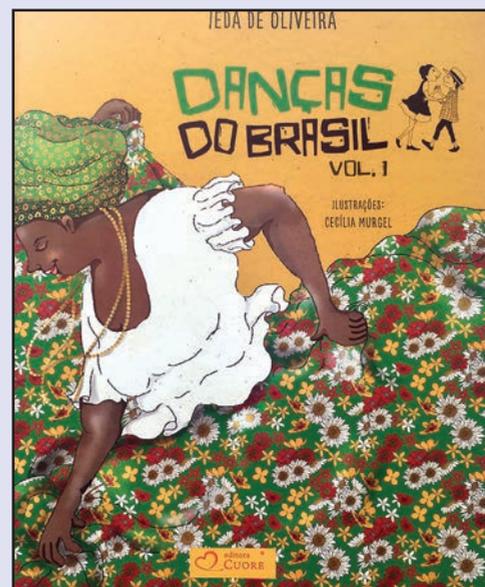
*Salsicha!* – (Semente) – A genialidade de autores pode não estar diretamente ligada ao número de palavras de um livro, à extensão de um texto, a interpretações complicadas. A genialidade de Edith Chacon, aliada à criatividade de Fernando A. Pires e a sensibilidade de Lourdinha Mendes deram vida à *Salsicha!*, divertidíssima história com design especial. Adorei!



*Doze Brincadeiras Indígenas e Africanas* – Da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul – (Melhoramentos) – Rogério Andrade Barbosa há anos é estudioso da cultura africana e da oralidade de suas histórias. Yaguaré Yamã é professor e artista plástico, indígena nascido no Amazonas, do povo Maraguá. Laerte Silvino, ilus-

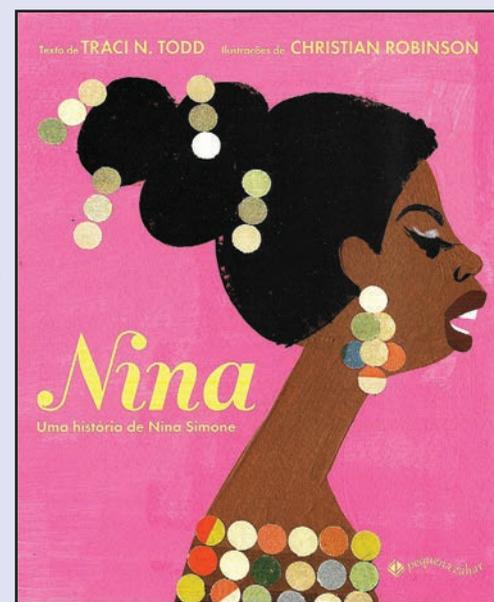


trador do livro, ilumina a obra com a sua experiência das cores pernambucanas. Juntos, reuniram histórias e brincadeiras de dois povos, que parecem distantes, mas têm em comum a base cultural do Brasil. Muitas brincadeiras também lembram danças.



*Danças do Brasil* – (Editora Cuore – 3 volumes) – Ieda de Oliveira é nome marcante na pesquisa cultural e social. Sempre apresenta em seus livros histórias representativas da diversidade em nosso país. Em *Danças do Brasil*, com rimas simples e complementadas pelas vibrantes ilustrações de Cecília Murgel, a autora convida o leitor a conhecer e participar de inúmeras danças, trazendo a beleza da variedade cultural para perto de nós.

*Nina* – Uma história de Nina Simone – (Pequena Zahar) – Sou fã de Nina Simone, sua voz rouca, forte, agressiva ecoa como um hino de liberdade contra injustiças e preconceitos. Assim foi a sua vida desde pequena, vivenciando as barbaridades do racismo e da segregação aos negros. Sua arte se fez maior e seu nome está permanentemente ligado ao combate às injustiças sociais. Traci N. Todd escreveu, Christian Robinson ilustrou e Nina Rizzi traduziu e, durante todo o tempo, a voz de Nina serviu de fundo para a leitura. Os jovens precisam conhecer essa história!



# JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



## ELISA LUCINDA

Elisa Lucinda Campos Gomes (Cariacica, 2 de fevereiro de 1958) é uma poetisa, jornalista, escritora, cantora e atriz brasileira. Reconhecida no meio musical e de atuação por seus trabalhos em cinema, televisão e teatro, vencedora de um Kikito do Festival de Gramado e um Troféu

Raça Negra. Elisa foi ganhadora do Prêmio Especial do Júri do Festival de Cinema de Gramado, pelo conjunto da obra, no ano de 2020. Foi premiada pelo filme *A Última Estação*, de Marcio Curi. Nascida em uma família de classe média, interessou-se pela poesia desde cedo. Cursou Comunicação Social na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1986, cursou interpretação teatral Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). Trabalhou em algumas peças teatrais, como *Rosa, um Musical Brasileiro*, e *Bukowski, Bicho Solto no Mundo*. Também integrou o elenco do filme *A Causa Secreta*. Seu primeiro trabalho na televisão foi na telenovela *Kananga do Japão*, em 1989, na extinta Rede Manchete. Na TV Globo, fez o programa *Você Decide* e integrou o elenco da série *Mulher*. Em 2021, a atriz fez sua estreia nos streamings, na série *Manhãs de Setembro* exibida pelo *Prime Video*, em que interpreta a voz da cantora Vanusa em tom de narração na série. No ano de 1998, fundou a Casa Poema, instituição socioeducativa cujo método capacita vários profissionais desenvolvendo sua capacidade de expressão e sua formação cidadã, através da poesia falada. A atriz, em parceria com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), tem desenvolvido o projeto “Palavra de Polícia, Outras Armas”, onde ensina poesia falada aos policiais. A atriz mora no Rio de Janeiro.

acervo JL



## DJAMILIA RIBEIRO

Djamilia Taís Ribeiro dos Santos (Santos, 1 de agosto de 1980) é uma filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É colunista do jornal *Folha de S. Paulo*.

Iniciou o contato com a militância ainda na infância. Graduiu-se em Filosofia pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 2012, e tornou-se mestra em Filosofia Política na mesma instituição, em 2015, com ênfase em teoria feminista. É colunista on-line da *Carta Capital*, *Blogueiras Negras* e revista *Az Mina* e possui forte presença no ambiente digital. Escreveu o prefácio do livro *Mulheres, Raça e Classe* da filósofa negra e feminista Angela Davis, obra inédita no Brasil e que foi traduzida e lançada em setembro de 2015. Em 2018, a ensaísta prolífica Djamilia Ribeiro foi um dos 51 autores, oriundos de 25 países, convidados a contribuir para *Os Papéis da Liberdade* (“*The Freedom Papers*”). Recebeu os prêmios: Prêmio Cidadão SP em Direitos Humanos, em 2016; Trip Transformadores, em 2017. Melhor colunista no Troféu Mulher Imprensa em 2018, Prêmio Dandara dos Palmares e está entre as 100 pessoas mais influentes do mundo abaixo de 40 anos, segundo a ONU. É autora das obras *Lugar de Fala, O que é Lugar de Fala?*, *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* e *Pequeno Manual Antirracista*. Além dos livros publicados, Djamilia criou o Selo Sueni Carneiro, que publicou livros de autores negros com preços mais acessíveis.

acervo JL



## LÍVIA NATÁLIA

Lívia Maria Natália de Souza (Salvador, 25 de dezembro de 1979) é uma poeta e professora brasileira. Filha de Osun, o candomblé de fundamento Ketu é um dos principais temas de suas obras, além do corpo, cabelo e outros signos étnico-raciais que perpassam a

mulher negra. *Água Negra* foi o livro de estreia e vencedor do Concurso Literário do Banco Capital de 2011, na categoria Poesia. A publicação mais recente foi “*As férias fantásticas de Lili*”, em 2018. Lívia também é mestre e doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É atualmente professora adjunta do setor de Teoria da Literatura da UFBA, onde coordena os grupos de pesquisa *Derivas da Subjetividade na Escrita Contemporânea*, no qual pesquisa literatura contemporânea escrita em Blogs e Corpus Dissidente. Formada em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2002. Estreou como autora em 2011, com *Água Negra*, livro premiado pelo Concurso Literário do Banco Capital. Sua poesia é marcada pela construção de uma voz feminina e afro-brasileira. Seu poema *Quadrilha*, selecionado para o projeto Poesia nas Ruas, foi vetado pelo governo da Bahia por criticar a violência policial. Obras publicadas: 2010 – *Água Negra* – EPP Publicações; 2015 - *Correntezas e Outros Estudos Marinhos* - Ogum's Toques Negros; 2016 - *Água Negra e Outras Águas* – EPP Publicações; 2017 – *Dia Bonito pra Chover* – Editora Malê; 2017 – *Sobejos do Mar* – EPP Publicações.

# Jorge Caldeira é eleito imortal da ABL

Por Maria Cabral

O escritor, editor e sociólogo Jorge Caldeira, de 67 anos, foi eleito, por maioria absoluta de votos, à cadeira número 16, da Academia Brasileira de Letras (ABL). A vaga foi aberta com a morte da saudosa escritora Lygia Fagundes Telles, falecida em abril deste ano. Caldeira concorria com outros nove nomes e recebeu 29 votos. Participaram da eleição 33 acadêmicos, de forma presencial ou por carta. A posse ainda não foi marcada, mas está prevista dentro do prazo de três meses.

Os ocupantes anteriores da cadeira 16 foram o crítico literário Araripe Júnior (fundador) – que escolheu como patrono o poeta Gregório de Matos –, além de Félix Pacheco e Pedro Calmon.

Reconhecido por seus relatos inovadores sobre o país, o escritor já ocupa a cadeira número 18 da Academia Paulista de Letras, na qual foi empossado no dia 8 de maio de 2008. Doutor em Ciência Política e mestre em Sociologia, o novo imortal é especialista na área econômica. Autor, entre outras 20 obras, de *Mauá: Empresário do Império* e de *História da Riqueza no Brasil*. Escreveu ainda livros sobre Diogo Antônio Feijó, José Bonifácio, Noel Rosa, Ronaldo, Guilherme Pompeo e Júlio Mesquita.

“É conhecido também por apresentar a era colonial de forma inovadora, com uma visão diferente da oficial”, afirmou a Academia em nota. “Vem recuperando personagens esquecidos para recontar a história brasileira, por vezes contrariando a historiografia oficial e oferecendo uma nova visão sobre a era colonial no país.”

Caldeira também atuou no mercado editorial, como *publisher* da revista *Bravo!*, consultor do projeto “Brasil 500 anos”, da Rede Globo, e editor na *Folha de São Paulo* e nas revistas *Isto É* e *Exame*. Nascido em São Paulo, em 1955, é casado com a antropóloga Cynthia Sarti, com quem tem dois filhos.

Após ser empossado, o acadêmico reiterou que “é convívio o que eu vou procurar fazer. Conviver com as pessoas, estar dentro da instituição”.





# arte Desenharte



Por Zé Roberto

zgrauna@hotmail.com

## Dodô

Douglas de Souza Vieira, mais conhecido como Dodô, é um atuante desenhista de humor da Baixada Santista, presente em diversas exposições e eventos culturais. Artista formado em Publicidade e Propaganda, em 2018, pela Unimonte – Universidade São Judas Tadeu, de Santos, iniciou suas atividades artísticas em 2003, quando começou a desenhar caricaturas ao vivo em eventos promocionais, mas foi dois anos depois que o cartunista publicou charges em jornais alternativos, como o sindical *O Rodoviário*, e no extinto jornal esportivo *A Bola*, de São Caetano do Sul.

Entre os anos de 2008 a 2010, Dodô emprestou seu talento de caricaturista para o programa Radar Esportivo, do jornalista Paulo Alberto, da TV Com, emissora que é transmitida exclusivamente em Santos. O cartunista também atuou para a empresa gráfica Alavanca, sediada em São Paulo.

Participante frequente em salões de humor e concursos do gênero, o desenhista foi premiado três vezes no Salão Dino do Litoral Paulista, em 2008, 2010 e 2011, com 1º lugar nas 3 edições, sendo Júri Popular, Charge e Prêmio Geral. Por conta de sua participação no 3º Concurso Luso Brasileiro de Cartum Universitário, em 2013, o cartunista santista recebeu dois prêmios, sendo classificado com dois 2ºs lugares nas modalidades Charge e Caricatura. Na cidade de Piracicaba, foi agraciado no Salão Universitário de Humor, com Menção Honrosa, categoria Educação, e 1º lugar em Charge, em 2013; e em 2016, novamente como chargista, mereceu outra Menção Honrosa, fato que se repetiu em 2017, no mesmo concurso. Ainda no Salão Universitário de Humor de Piracicaba, Dodô foi premiado mais duas vezes, em 2017, nas categorias Charge e Histórias em Quadrinhos. Já no Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em sua 45ª edição, em 2018, o cartunista foi laureado com o Prêmio Câmara dos Vereadores.

Frequente participante de eventos de artes, o desenhista de humor marcou presença em dezenas de mostras individuais. Sua primeira exposição aconteceu, em 2009, na Gibiteca Municipal de Santos, com caricaturas de celebridades; depois, em 2012, no mesmo local, apresentou uma coleção de artes com jogadores que fizeram História no Santos Futebol Clube. No mesmo ano, Dodô exibiu suas artes em mais duas mostras, uma em Minas Gerais, na Fundação Carlos Drummond de Andrade, no município de Itabira, quando o desenhista exibiu 20 caricaturas, em homenagem ao poeta, produzidas em totens de 2 metros que foram distribuídas pela principal avenida da cidade natal de



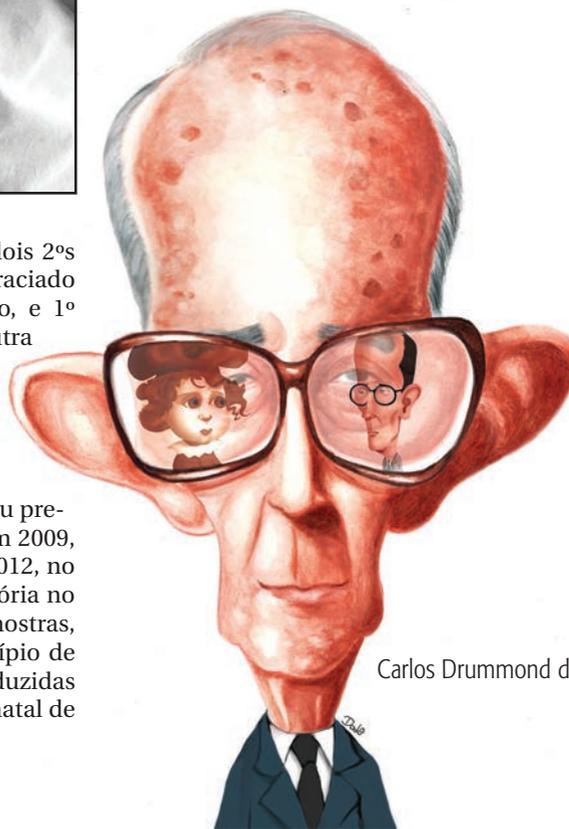
Drummond, além da exposição montada na galeria da fundação. A outra, no Sesc Carmo, de São Paulo, uma mostra de caricaturas retratando importantes atletas olímpicos brasileiros, evento que mereceu destaque da mídia, e que ganhou uma segunda montagem no ano seguinte, no Sesc Taubaté, São Paulo. Em 2014, Dodô Vieira deu sequência à sua trajetória, expondo mais uma vez com o apoio do Sesc Carmo, com o evento Seleção de Todos os Tempos, quando o cartunista apresentou várias caricaturas de ídolos do futebol brasileiro, ocupando diversos locais da capital paulista, como o Mercado Municipal, o Shopping Light e estações do metrô. Ainda em 2014, aproveitando que a Copa do Mundo foi realizada no Brasil, Dodô continuou desenhando caricaturas de futebol, expondo no Sesc Taubaté diversas artes em homenagem aos atletas e comissão técnica da Seleção, lembrando quando o Brasil foi tetracampeão nos EUA, na Copa do Mundo de 1994. Em 2018, ainda focado no futebol, o caricaturista apresentou 20 desenhos retratando com humor alguns dos maiores jogadores de todos os tempos das seleções brasileiras, ícones da história das copas, evento que ganhou o título de Craques da Copa, e foi atração em dois locais: na Gibiteca Municipal de Santos, e no Pátio Savassi, shopping localizado em Belo Horizonte.

Dodô pode ser visitado nas redes sociais, nos perfis *dodovieira2* e *@cartunistadodo*, respectivamente no Facebook e Instagram. Contatos com o cartunista também podem ser realizados pelo endereço eletrônico *dodocaricaturas@hotmail.com*.

Saúde e Arte!



Freddie Mercury.



Carlos Drummond de Andrade.



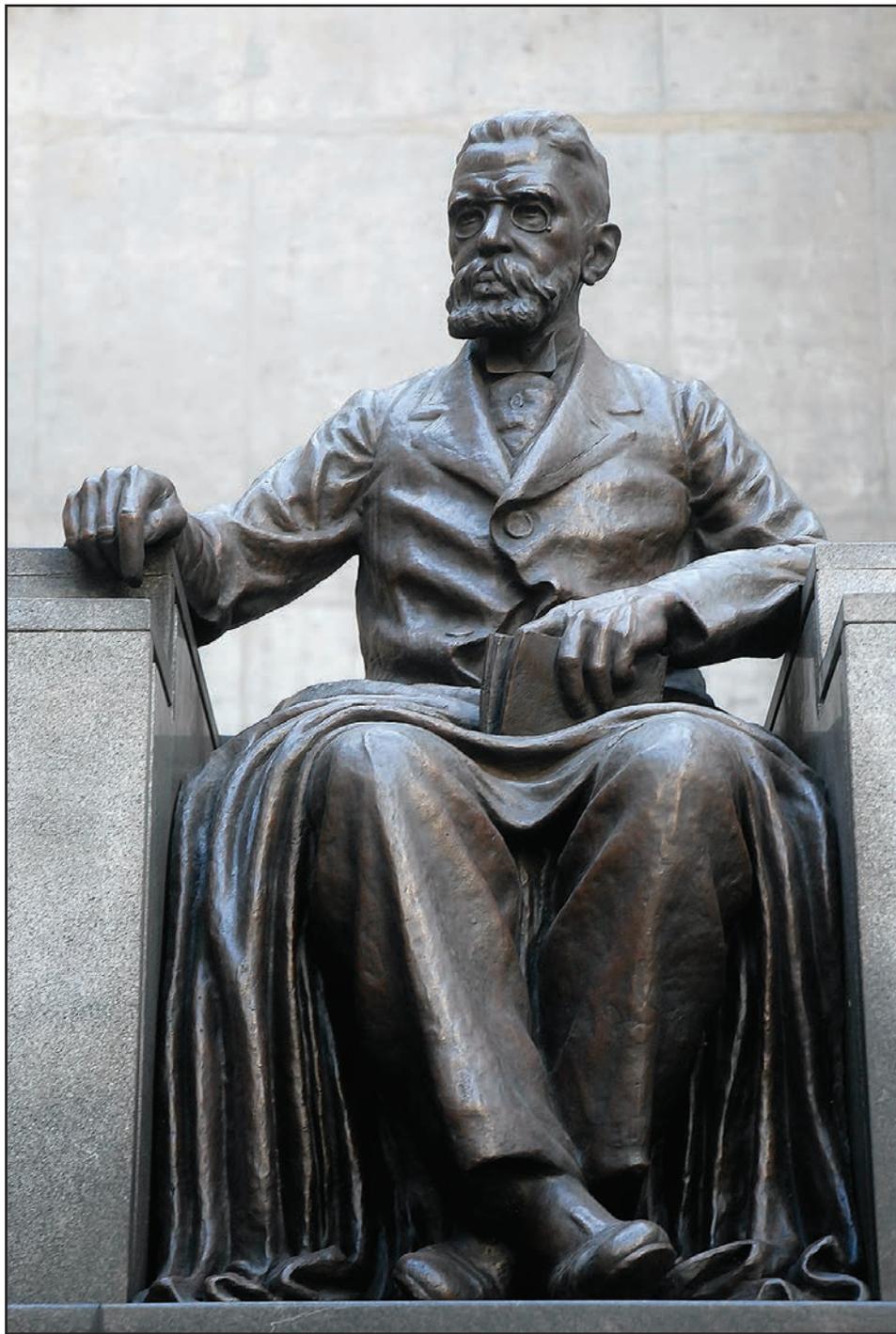
David Bowie.



Jovem Guarda.

# Machado de Assis: estátua viva

Por Raquel Naveira



A pessoa que mais tenho visto e de que me lembro aqui no Rio de Janeiro é o escritor Machado de Assis. Não foi à toa que vim morar na rua das Laranjeiras. Algumas vezes caminho rumo ao Largo do Machado, com suas barracas de livros usados, de flores (e eu “por flor tenho loucura”, como dizia uma música de Cássia Eller); suas mesas de pedra, onde idosos jogam baralho e xadrez; sua entrada do metrô, conduzindo filas intermináveis de gente pelos subterrâneos que levam aos bairros, às florestas, aos estádios, às favelas e às praias. Passo antes pelo concorrido sinaleiro em frente à suntuosa Igreja Matriz de Nossa Senhora da Glória, que lembra a de St. Martin em Londres. Às vezes, quando fecho os olhos por alguns instantes, pois creio em viagens no tempo, imagino o espaço entre a Igreja e o Largo forrado de antigos túlburis, aqueles carros de aluguel de duas rodas, dois assentos, com capota e sem boleia, puxado por um só cavalo, que servia de condução na época da corte. Dona Carlota Joaquina passando com sua luxuosa carruagem rumo à Chácara Botafogo. E mais tarde, o próprio Machado de Assis, apoiado em sua bengala, andando apressado em direção às palmeiras.

Mas o Largo do Machado não tem esse nome em homenagem a Machado de Assis como algumas pessoas afirmam. O Largo já era do Machado, quando Machado de Assis tinha apenas quatro anos de idade, pois o escritor nasceu em 1839. A versão mais aceita hoje em dia é que, no local, existiu um açougue que exibia na sua fachada um machado de madeira. Um nome pobre, popular, que marcou aquele terreno outrora pantanoso e cheio de moluscos.

Subindo um pouco mais, entre as ruas do Catete, Marquês de Abrantes e Conde de Baependi, há uma bela estátua de outro escritor, José de Alencar, um dos expoentes do Romantismo brasileiro. É uma escultura de Bernardinelli, uma estátua viva, pois José de Alencar foi grande e mereceu virar estátua. Suas obras não cessam de surpreender sucessivas gerações.

Machado de Assis proferiu um comovido e saudoso discurso na cerimônia do lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar, um homem que foi acima de tudo seu amigo e seu mestre. Disse Machado:

*“Agora que os anos vão passando sobre o óbito do escritor, é justo perpetuá-lo pela mão do nosso ilustre estatuário nacional. Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar esta palavra melancólica: ‘A jandaia cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra.’ Senhores, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posteridade é aquela jandaia que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que emudeceu na novela, repete e repetirá o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. Nem tudo passa sobre a terra.”*

Subo pelas ruas do Catete em direção ao centro da cidade, chego à Academia Brasileira de Letras, local onde Machado de Assis, seu fundador, também virou uma estátua viva. Uma estátua feita pelo escultor Cozzo, bem na entrada do charmoso *Petit Trianon*, local onde são feitas as sessões semanais, as palestras, os chás, as cerimônias de posse. Lá está ele sentado, quieto, pensativo, de bigode e *pince-nez*. Às vezes ele me parece tão perto, às vezes tão distante, mas sinto sempre na pele o seu olhar de bruxo.

“É, meu caro Machado, digo-lhe baixinho, a literatura é mesmo ideal que eleva, honra e consola. As letras são boas amigas para quem tem a alma enojada e abatida como eu. A arte é a minha liberdade, meu remédio. É assim que venço as tristezas do coração e continuo amando. Você entende, não é?”

Há manhãs, quase todas de sol, que caminho em sentido oposto, orientada pelo abraço do Cristo Redentor. Vou em direção ao Cosme Velho, ao número dezoito, último endereço de Machado de Assis e de sua esposa, dona Carolina. Foi de lá que saíram a cama do casal, a penteadeira, a mesa de jantar, fotos e objetos que hoje estão no Petit Trianon. Quando passo pelo casarão onde viveu Austregésilo de Athayde e pelo Largo do Boticário com seus casarões coloniais, azulejos e paralelepípedos, penso que poderei topar com Machado na primeira esquina. Talvez ele me falasse:

“Você veio de tão longe, de um lugar cheio de pássaros, rios, cachoeiras, céus estrelados, boiadas, campos de vacaria, mas tenho certeza de que lá a natureza humana é a mesma: perigosa, sempre. Entre, Carolina nos fará um café.”

Aí eu o abraço e deliro:

“É verdade, vim lhes fazer uma visita aqui no Cosme Velho. Queria vê-lo de perto, escrevendo, debruçado sobre seus papéis avulsos. Queria andar por esses corredores, observar esses retratos. Ah! Como é linda essa “Dama do Livro”! Sabe, eu o acompanho quando o senhor vai pela rua do Ouvidor, entre alfaiates, floristas e joalheiros até chegar à livraria Garnier. Sigo-o pelas repartições, pelos gabinetes, pelos jantares e reuniões. Conheço sua ironia tranquila, sua piedade por todos, vítimas e algozes. Presenciei tudo, vi todos os vermes que roeram os cadáveres em suas ressacas de pessimismo.”

Depois do café oferecido por dona Carolina, vestida de preto, beijo as mãos de meu amigo e volto para minha casa, gruta ou caverna de aço. O Cristo agora é uma sombra projetada em minhas costas.

# Iguana, uma iguaria

Por Danilo Gomes\*

Há pessoas que se acostumaram a comer bife de carne de boi ou de porco, de tal forma, que torcem o nariz empinado para qualquer outro tipo de alimento, quando se trata de carne. Aceitam, quando muito, frango. Nem mesmo um bife de fígado. Coelho, paca, javali, capivara – nem pensar! Não sabem o que estão perdendo. Conheço pessoas que têm horror a dobradinha, a caldeirada de frutos do mar ou a buchada de bode à moda nordestina. Também não sabem o que estão perdendo.

Este intróito de sabor culinário me vem a propósito do mais novo prato que circula na praça, pelo menos na América Central, lá no Panamá: carne de iguana. Como se sabe, iguana é aquele lagarto feio e escamoso, anfíbio e gordinho, tido como em extinção. Fico imaginando a cara de espanto e repugnância do povo que se arrepiava diante de uma simples lebre ensopada. E a frase que explodirá de sua garganta delicada:

– Argh! Cruz-credo! Nunca comerei carne de iguana!

Pois saibam todos quanto conhecimento desta tiverem que, no Panamá, estão comendo – e com muito gosto. Não só a carne como os ovos. No caso, trata-se da iguana-do-caribe, de forte cor verde, quando jovem.

A pesquisadora alemã Dagmar Werner tem mostrado ser possível criar lagartos em larga escala – especificamente iguanas – para consumo humano. A ideia originou-se da necessidade dos pequenos agricultores panamenhos em desenvolver uma economia agropecuária alternativa, ao invés de continuar o desmatamento da floresta tropical. Diz a notícia que a pesquisadora já convenceu alguns produtores a criarem o animal à feição de uma criação de galinhas, com uma diferença fundamental: o custo é bem menor, já que a iguana se alimenta muito de folhas de árvores. Atualmente, muitas famílias panamenhas aderiram ao novo prato, com entusiasmo.

A iguana pertence à família dos lagartos da América, a grande família dos iguanídeos. São arborícolas ou aquáticas. São animais que vivem em regiões quentes e provêm da vetusta, antediluviana linhagem dos iguanodontes e mesmo dos dinossauros. A iguana comum é um lagarto verde que vive nas árvores da América tropical. Costuma medir até dois metros de comprimento, com cauda longa listrada de preto. Tem uma espécie de crista formada de escamas, ao longo do dorso. Trata-se de bicho tido como “lento e medroso”, presa fácil para caçadores, o que, de certa forma, contrasta com sua arrepiante ancestralidade jurássica...

A iguana-do-deserto também atende pelo esquisito nome de basilisco e vive nos desertos do sudoeste dos Estados Unidos e norte do México. Alerto os leitores mais medrosos de que existe um tal lagarto-de-chifre, também conhecido por iguana-rinoceronte, cujo nome advém dos “cornos rombudos” que ostenta, garbosamente. Esse tipo já é raro e seu *habitat* é o Haiti e a República Dominicana.

Mas não se espantem aqueles que se dispuserem a ter em sua

mesa esse novo acepipe gastronômico. Parece que a iguaria não é de hoje, pois fui encontrar até uma receita de ensopado de iguana-fêmea, que se come com alho e pimentão, no livro *Os Répteis*, escrito por Archie Carr e pelos redatores da revista *Life*, traduzido pela José Olympio em 1981. Pode ser prato apetecível e digno de um nobre vinho branco...

A Editora Nova Fronteira editou, em 1997, o delicioso livro *Cozinha do Arco-da-Velha*, com textos de Odylo Costa, filho, Carlos Chagas Filho, Pedro Costa e Pedro Nava, com receitas de Íris Lobo Chagas e Nazareth Costa. E desenhos de Nazareth Costa, mulher de Odylo. Um livro erudito, sapiencial, sociológico. Ali vamos encontrar, na pág. 75, referências a cobra, gambá, lagarto e macaco. Quanto ao lagarto, esta anotação: “Fornece uma carne branca como a de frango; e, preparado com fricasê, certamente ninguém dirá que não comeu um delicado guisado de frango.” Páginas adiante, um antológico artigo de Pedro Nava intitulado *A fabulosa cozinha de Dona Íris*. Na verdade, o livro todo é antológico, nas suas quase 200 páginas, com excelente prefácio de Pedro Costa, filho de Odylo e Nazareth, que, na pág. 72 de *Cozinha do Arco da Velha*, vamos encontrar até uma receita de lagarto ensopado com ervilhas e outra de lagarto assado. E esta história, à pag. 41, sob o título de *Um lagarto assado suborna o marquês de Barbacena*, que integra um longo e maravilhoso artigo de Odylo Costa, filho:

“Quando o visconde de Barbacena – depois marquês – comandava as tropas brasileiras no Sul, em 1828, atrasou-se o pagamento do soldo. O oficial de um dos batalhões, Carl Seidler, alemão esperto, viu um dia no jardim um lagarto, “extraordinariamente grande e gordo”. Correu para casa, trouxe a espingarda, atirou no bicho. E o destinou ao general-em-chefe, que – sabia ele – “o apreciava como o melhor petisco”. Não errou o alvo: “o assado de lagarto enterneceu o coração do visconde e poucos dias depois eu recebia uma ordem escrita pela qual na Tesouraria me pagariam três meses de soldo.”

Mas voltemos às iguanas. Não devo encerrar este “papo de iguana” sem uma referência às famo-



sas e feias iguanas das Ilhas Galápagos, pertencentes ao Equador. O famoso Darwin andou por lá, como se sabe. Consta ser a única espécie mundial de lagarto marítimo. É com a poderosa cauda achatada que consegue nadar. Suas patas fortes, providas de garras, lhe permitem subir pelos penhascos vulcânicos, base de suas operações. Hábil nadador, nutre-se de algas. Apesar do desgracioso aspecto, talvez dê um bom ensopado com alho e pimentão, cebola e salsa, até um molho inglês.

As Ilhas Galápagos constituem rica atração turística do Equador (terra do chapéu panamá). Em Quito, em 1986 ou 1987, vi grandes cartazes em *outdoor*, convidando a emocionantes viagens àquelas paragens de um mundo primitivo, quase jurássico. Bandos de álares turistas chegavam ao Hotel Colón sobraçando belos livros sobre aquelas ilhas e seus exóticos habitantes. Só não fui às ilhas porque não tive tempo, naquela viagem de serviço, durante o governo do Presidente Sarney, que tinha ido a Quito visitar o presidente Rodrigo Borja e ali cumpriu vasta agenda.

Talvez um dia o ensopado de iguana chegue às nossas mesas. Quando isso acontecer, concedei em prová-lo, ó vorazes devoradores de rabanadas, picanhas, costelas de boi e galinhadas de domingo! Pois em verdade vos digo, ó incrédulos: nem só de feijão tropeiro com leitão assado à pururuca, baião de dois e frango ao molho pardo com angu vive o homem!

\*Danilo Gomes é membro titular da Academia Mineira de Letras.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



# CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em [afavordobrasil.cnc.org.br](http://afavordobrasil.cnc.org.br)



Federações



Sindicatos



SESC



Senac

Trabalho a favor do Brasil.

# As aventuras do conselheiro Aires em Brasília

Por Vera Lúcia de Oliveira\*

“É por causa de gente como o senhor, sempre disposto a acomodar, que as coisas não avançam, Hugo falou. O senhor é puramente livresco, disse Miguel, no centro da mesa. Um homem de papel, completou Hugo. Isso não posso negar, respondi contrariado.” (Pág. 145).

Quem respondeu contrariado foi o conselheiro Aires, personagem-narrador que migrou do romance *Memorial de Aires* (1908), de Machado de Assis, para o recém-lançado *Homem de Papel* (2022), de João Almino, seu oitavo romance. Ambos dispensam apresentação. Machado, o clássico da literatura de todos os tempos; Almino, o clássico moderno, autor do magnífico *Cidade Livre* (2010), entre outros excelentes romances e ensaios de história e filosofia política. Ambos imortais da Academia Brasileira de Letras.

Pois foi com o espírito da paráfrase, da literatura fantástica, da graça *cult* que Almino construiu esse romance pós-moderno, homenagem ao “bruxo do Cosme Velho”. Ninguém poderia fazê-lo melhor: diplomata de carreira, mergulhou no personagem aposentado, pacifista (mais por tédio à controvérsia) e bebeu suas palavras, sua moderação e elegância. E, num poderoso exercício de imaginação, trouxe-o para Brasília. Diz ele:

“Meu nome, não sei se terão adivinhado, é José da Costa Marcondes Aires. Nasci no Rio de Janeiro às seis da tarde em 17 de outubro de 1825 e acordei em Brasília confundido por siglas. Mesmo sem ser aristocrata, me infiltrei na aristocracia quando passei em 1852 num concurso para a Secretaria de Estado de Negócios Estrangeiros. Depois de hesitar se aceitaria uma encarregatura de negócios junto à Gran Colômbia, onde havia estado um visconde conhecido meu, fui enviado a Viena.” (Pág. 31).

Assim se constrói a trama desse romance encantador: uma diplomata “arretada” da nova geração de nome Flor recebe um presente e não se desgruda mais dele, o romance *Memorial de Aires*. Personagem forte, inteligente, franca, mulher de quase de meia idade, que sabe o que quer (menos quando tem de escolher o parceiro com quem ficar). O livro que, segundo ela, a acompanharia pelo resto da vida, era um guia para a sua carreira. Casada, mãe de um filho, e com relacionamento extraconjugal com um diplomata superior hierarquicamente, Flor tem vida amorosa complicada. Ela, Cássio, o marido, e o amante Zeus formam o triângulo desamoroso da história.

Almino “entra” no *Memorial de Aires* e utiliza palavras e expressões do livro num diálogo que mantém vivo o romance, tecendo a narrativa com personagens equivalentes aos da história original. Dentro do livro, na mão ou na pasta de trabalho de Flor, o conselheiro aposentado acompanha-a em passeios em Brasília e em viagens, a exemplo da ida a Viena, onde queria rever o túmulo da mulher e o de Beethoven, cuja ópera *Fidélis* com a abertura “Leonora” tem mais de um sentido na obra.

A narrativa desperta o interesse do leitor cada vez mais pelo elemento fantástico que, curiosamente, se desfaz pelo fato de as próprias personagens tratarem o livro falante com naturalidade (como na *Metamorfose*, de Kafka, em que a família não se espanta em ver Gregor Samsa transformado em inseto). Há também ecos de Borges quando a fantasia e as pistas falsas, como obras e *sites* inexistentes, deixam o leitor desorientado. Artimanhas do autor.

O conselheiro Aires, uma espécie de guru da diplomacia para Flor, aparece inicialmente como personagem machadiano em *Esau e Jacó*, romance de 1904, para, em seguida, ter um livro só seu, de memórias, o *Memorial de Aires*, de 1908, ano da morte de Machado. Em *Esau e Jacó*,

o autor focaliza o fato político da Proclamação da República, em 1889. No *Memorial*, o tempo histórico é 1888, ano da Abolição da Escravatura no Brasil. E, no *Homem de Papel*, Almino concentra a ação neste selva-gem 2022, ano de eleições, destacando-se a de presidente da República, e faz um contraponto com as duas obras citadas, no sentido de discutir com espírito crítico a insana situação política do país, no passado como no presente. Replica, portanto, os personagens: os gêmeos briguentos Pedro e Paulo, de *Esau e Jacó*, em Miguel e Hugo (trigêmeos com Flora) igualmente beligerantes e irreconciliáveis, metáfora sutil para o Brasil de hoje. Por sua vez, Flor lembra a indecisa Flora quanto à escolha do parceiro, enquanto Leonor, a professora argentina especialista no conselheiro-personagem, guarda semelhança com Fidélia, a jovem viúva que despertou todos os sentidos (ocultados) do velho conselheiro Aires. Fidélia, Leonor – tema da fidelidade conjugal em Beethoven.

A ideia do autor é muito feliz, pois utiliza um recurso cômico ao fazer o velho conselheiro viajar ao futuro e ao passado, do qual, na verdade, nunca saiu, com sua cultura e linguagem polida, seu colete, fraque, botinas enceradas e bigode retorcido. Todo ele *démodé*. Mas ninguém em Brasília repara... Ele sai e volta ao livro com desenvoltura, como um animalzinho de estimação – e obediente – de Flor, que o guarda com todo o cuidado. Mas as coisas mudam e ele vai parar até num sebo. E em lugares piores. Muito piores. É um personagem falante. Um verdadeiro “audiobook”.

O melhor do livro é esse jogo, uma espécie de “miseenabyme”, um romance dentro do outro, o que é muito engenhoso e divertido. Há também um “trompe-l’oeil” literário que brinca com a própria narração, uma vez que os personagens de *Homem de Papel* dizem ao conselheiro que ele não tem existência real, que é um personagem de romance, um homem sem carne – de papel –, quando na realidade esses mesmos personagens são igualmente de papel para o leitor. Sem contar a aparição do enigmático editor M. de A. para aumentar o imbróglio.

Os personagens do *Memorial* dialogam entre si, a exemplo de dona Cesárea, velha amiga de língua afiada, que pede ao conselheiro que volte ao passado. Os diálogos se alternam entre passado e presente, num exercício de intertextualidade, o que na narrativa significa futuro, num jogo entre ficção e... ficção.

E o conselheiro, homem conservador, vai se adaptando à nova vida, se soltando muito à vontade, protagonizando mil e uma peripécias, rebelando-se, o que preocupa Flor: “conselheiro, imploro que as situações que o senhor anda criando parem por aí. O senhor sabe o carinho e o respeito que tenho pelo senhor.” (Pág. 117). Algumas delas como fazer pagamentos com moedas do século XIX que ainda trazia no bolso; fugir sem pagar a conta; frequentar as redes sociais com milhões de seguidores; ser guiado por um cego pelas ruas de Brasília; visitar o palácio do Itamaraty (de onde quase foi expulso); lidar com *fake news* e participar de manifestação política na Esplanada dos Ministérios. Esta, particularmente hilariante, tem alguma coisa de *O Rinoceronte*, de Ionesco, pelo absurdo da situação. Assim como a sessão na Câmara dos Deputados, cuja comicidade atinge o paroxismo com a discussão acalorada sobre a questão de uma anta ser candidata às próximas eleições. (Num país que quase elegeu um macaco, o Tião, à prefeitura do Rio de Janeiro, tudo é possível). Almino utiliza com muita graça o jargão de todas as categorias sociais, bem como os mais variados registros linguísticos como profundo conhecedor da língua portuguesa que é, e não só da língua de Machado de Assis, cujo representante no romance é o conselheiro Aires, homem lido e relido, leitor de Shelley, Dostoiévski, Platão. Sobrevivendo a si mesmo, diz: “Vocês pensam, logo existo.”

Assim, o embaixador João Almino com sua prosa vigorosa mais uma vez declara o seu amor a Brasília de JK, Lúcio Costa e Niemeyer, que, agradecida, o abraça calorosamente; cidade aberta ao novo e ao velho – que nela se encontram, ou se cruzam, como os dois eixos que formam o traçado da cidade. Assim também, o velho diplomata, exumado, se encontra com o novo Brasil, que, dividido, anseia por dias melhores. Que não de vir.

\*Vera Lúcia de Oliveira é da Academia de Letras do Brasil.

# Longevidade

Por José Carlos Gentile\*



Jeanne Calment, natural de Arles, França, aos 20 anos de vida, falecendo em 1997.

Esta jovem francesa de Arles, do norte da França, que chegou a conviver com Vincent van Gogh, alcançou a idade de 122 anos, tendo participado de um filme intitulado *Vincent e moi*.

A longevidade sempre foi motivo de permanentes buscas civilizacionais, mormente entre os alquimistas, que imaginavam ser o elixir da longa vida – dito Elixir da Imortalidade, a panaceia universal, curativo de todas as mazelas do corpo humano, a prolongar a vida de forma indefinida.

Os povos mexicanos já ingeriam *el elixir de los dioses*, chamado de Mezcal, que era aromatizado com quassia, carqueja, hibisco, camomila,

quina, jurubeba, chapéu de couro, espinheira santa, ipê roxo, berinjela, losna e salsaparrilha, verdadeira infusão divinal.

Alessandro Cagliostro (1743-1795), alquimista, curandeiro, maçom, ocultista, tornou-se figura ímpar, icônica, na Itália, com fama de possuidor de poderes sobrenaturais, embora tenha falecido com 53 anos de vida, ao contrário de Matusalém, figura bíblica, avô de Noé, que teria vivido 969 anos, vindo a tornar-se o homem mais longo.

Verdade ou fantasias bíblicas, em Gênesis, narrativas épicas, transmutadas em “verdades religiosas”, movidas pelo poder dos reis, dos copistas em monastérios, a serviço de interesses clericais, visionários, a mercê das lendas e tradições, alterativas em razão da vigência do aramaico, do grego, do latim e de tantas outras línguas translativas de verossimilhanças da comunicação humana.

Verdadeira Torre de Babel!

Atualmente, a inteligência artificial desenvolve estudos para os seres humanos alcançarem patamares de longevidade, alterando o mecanismo neural e substituição genética dos componentes corpóreos numa verdadeira e fantasmagórica modificação humanoide.

Entretantes, os dirigentes dos impérios nacionais do orbe, em pleno século XXI, depois do avatar Jesus Cristo, ou seja d.C., devem recordar, sempre, a bem da verdade, que a civilização chinesa nasceu há 5.800 anos, a vivenciar o ano do Boi de Metal, que foi até 31 de janeiro de 2022.

Lamentavelmente, os homens ainda não se conscientizaram em viver em paz, limitados pelas guerras e sandices comportamentais, voltadas para a indefectível visão do poder, mola mestra da *aura sacra fames*.

Ainda querem viver no mundo sideral, em buscas de novos lares galácticos. Pobre ser humano...

\*José Carlos Gentili, um eterno aprendiz.

## Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO

o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)



# PETER BROOK

## Reflexões de um grande dramaturgo



### Reflexões sobre Shakespeare

Neste livro, o diretor apresenta uma variedade de tópicos shakespearianos, como o trabalho do intérprete cênico, a atemporalidade do texto do bardo inglês, a produção artística dos espetáculos, seus bastidores, bem como a necessária reverência pela palavra e verso quando adaptados.

### Na ponta da língua: reflexões sobre linguagem e sentido

Na obra, Brook estimula a investigação entre uma palavra e seu verdadeiro sentido. O dramaturgo parte das diferenças entre sua língua materna; o inglês; e a língua que adotou aos 45 anos de idade; o francês; quando fundou seu grupo de teatro em Paris, para realizar esse seu estudo. Brook retoma também o seminal conceito de espaço vazio enquanto trata do fazer teatral nesse livro.

### Tocando de ouvido: reflexões sobre música e som

Neste livro que escreveu com 94 anos, Brook aborda a importância da música na produção artística e como condição humana. Partindo das aulas de piano que tinha aos 12 anos, o autor percorre sua vida por meio das mais variadas facetas do espectro musical: a experiência como diretor de ópera, a visão sobre o show business, a Broadway, música clássica, música no teatro e até mesmo as trilhas cinematográficas.

[sescsp.org.br/edicoes](http://sescsp.org.br/edicoes)

    /edicoessescsp

edições  
**Sesc**